



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**

**CAMPI
CHAPECÓ E ERECHIM**

**Programa de
Pós-Graduação
em Geografia**

SHARA BRUNETTO

ENTRE A CIDADE E O CAMPO:

A PERMANÊNCIA DA AGRICULTURA URBANA EM CHAPECÓ/SC

CHAPECÓ

2024

SHARA BRUNETTO

ENTRE A CIDADE E O CAMPO:
A PERMANÊNCIA DA AGRICULTURA URBANA EM CHAPECÓ/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Igor Catalão

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Brunetto, Shara

ENTRE A CIDADE E CAMPO:: A PERMANÊNCIA DA
AGRICULTURA URBANA EM CHAPECÓ/SC / Shara Brunetto. --
2024.

101 f.:il.

Orientador: Dr. Igor Catalão

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Chapecó, SC; Erechim, RS, 2024.

1. AGRICULTURA URBANA. I. Catalão, Igor, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

SHARA BRUNETTO

**ENTRE A CIDADE E O CAMPO:
A PERMANÊNCIA DA AGRICULTURA URBANA EM CHAPECÓ/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Catalão – UFFS
Orientador

Prof. Dr. Willian Simões – UFFS
Avaliador

Prof. Dr. Gustavo Nagib – UNESP
Avaliador

**CHAPECÓ
2024**

Dedico essa dissertação a todas as
pessoas que não pouparam esforços para
semear alimentos e sonhos de uma
sociedade igualitária e com soberania
alimentar.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma virtude admirável e que exige dedicação e atenção. Pois bem, nesse momento da vida acadêmica, algumas pessoas se dedicam e contribuem intensamente em nossa caminhada profissional e pessoal, a quem não poderia deixar de expressar minha absoluta gratidão, então, antes de tudo, o meu profundo e sincero OBRIGADA!

Inicialmente, quero agradecer a minha família, pois são pessoas que acreditam na educação pública, lutaram e lutam pela educação, em especial a minha mãe Ivani, por ser uma inspiração enquanto professora, mas também na busca pelo conhecimento e que, mesmo com as dificuldades, saiu do interior de Nova Erechim/SC em busca de conhecimento. Ao meu pai, que dedicou a sua vida na luta por um Brasil mais justo e igualitário e nos ensinou a lutar e buscar os nossos sonhos e, ao mesmo, tempo sempre lutar para que outras pessoas possam realizar os seus sonhos, principalmente por meio da educação.

Para a minha irmã, muito obrigada por estar ao meu lado nessa jornada em busca de conhecimento e por ser minha inspiração como profissional e como pessoa, além de nos presentear com a Aghata, que é a luz dos nossos dias.

Ao meu companheiro Guilherme, eu quero agradecer os anos de companheirismo e incentivo que me fizeram continuar a buscar conhecimento e que auxiliou na passagem desse momento, sendo o meu refúgio, alegria, companheiro e motivando diariamente, além de me fazer construir um quiosque, o que ajudou a manter o foco e a dedicação.

Não poderia deixar de agradecer a todas as professoras e professores da minha família, que buscam lutar pela educação pública e de qualidade para todos, e que engrandecem as escolas desse país. Em especial ao meu tio Egídio Brunetto (*in memoriam*) que foi um semeador de esperança, de sementes, de alimentos e de luta.

Ao professor Dr. Igor Catalão, faltam-me palavras para detalhar sua representatividade em minha formação pessoal e profissional. O sentimento é de imensa gratidão, você sabe o quanto o seu acolhimento e os momentos de orientação foram essenciais para a minha construção enquanto professora-pesquisadora que vem desde a iniciação científica até o mestrado, e que, apesar das diferenças, construímos uma relação de amizade e de admiração, pois você estimula e impulsiona na construção do direito à cidade. Enquanto orientador, só tenho a agradecer por sua paciência e sabedoria, por sua contribuição e incentivo, que foram essenciais nesse processo. Por fim, quero gratular por ter aceito esse desafio de pensar sobre Agricultura Urbana. Muito Obrigada.

Agradeço aos meus colegas do mestrado, em especial o Tiago, o Gerson e a Karin, que não são apenas colegas e sim amigos e companheiros de luta, estiveram presentes em todos os momentos, seja incentivando e apoiando, seja cobrando ou sendo compreensível, mas, de toda forma, me inspiraram a ser uma professora-pesquisadora melhor.

Quero agradecer aos professores que fizeram parte da minha trajetória, em especial aos professores do PPGGeo, que impactaram e proporcionaram uma formação crítica, além de serem inspiração para continuar a dedicação como professora-pesquisadora, sem esquecer o enfrentamento na busca por uma educação pública.

E, por fim, gostaria de agradecer a Universidade Federal da Fronteira Sul, por proporcionar a minha formação desde a graduação, por estar comigo na pós-graduação por meio da bolsa institucional de pesquisa, que possibilitou desenvolver com maior dedicação minha pesquisa, e todas as pessoas que lutaram pela criação e que hoje buscam a permanência da UFFS. Foi um caminho desafiador, mas que carregou em meu coração e que levarei não só na minha formação, mas para a vida. Obrigada a todos!

Globalizar a luta, globalizar a esperança. (Via Campesina)

RESUMO

A relação cidade-campo é uma relação complexa que, em muitos períodos da história, passou por conflitos na disputa pelo poder, mas, após a revolução industrial, a cidade passa a desempenhar um papel ativo no desenvolvimento como sendo a centralidade da modernidade, do próprio desenvolvimento, enquanto o campo foi posto como um mecanismo potente para atender as necessidades do capitalismo. Entretanto, ambos possuem relações mais complexas que as descritas acima. Logo, compreender a relação cidade-campo na atualidade perpassa por muitos caminhos que exigem prudência. Nesse contexto, a pesquisa foca nas ruralidades que existem nos espaços urbanos a partir das práticas espaciais resultantes dessa relação complexa entre o campo e a cidade, sendo necessário um debate teórico sobre o processo de urbanização e expansão das cidades na conjuntura brasileira, principalmente em Chapecó/SC. Nesta linha de pensamento, em um segundo momento voltam-se as discussões para a agricultura urbana e as práticas espaciais de cidadãos agricultores compostas pelas heranças, os saberes e as experiências que permanecem enquanto práticas de produção no espaço urbano. Para tanto, busca-se analisar a produção do espaço urbano de Chapecó na perspectiva da relação campo/cidade, no que tange às práticas espaciais e as experiências voltadas às atividades de agricultura urbana existentes. A investigação foi executada com o intermédio da bibliografia, mas também por meio da pesquisa e observações de campo, bem como entrevistas e mapeamento das áreas de agricultura urbana existentes. A partir do desenvolvimento dessa pesquisa, foi possível identificar três categorias diferentes de agricultura urbana, sendo a primeira as áreas de agricultura destinadas a horticultura que estabelecem um grande cinturão verde em confluência com os espaços da cidade. A segunda categoria de agricultura urbana encontrada foi de hortas, plantações e criação de pequenos animais em pequenos terrenos dentro da cidade. A terceira categoria corresponde às hortas relacionadas a projetos sociais, como em escolas e postos de saúde, ONGs entre outras entidades. As práticas espaciais relacionadas a agricultura urbana em Chapecó, são diversas e estabelecem fortes relações com a cidade, tornando-se singular na reprodução do espaço urbano.

Palavras-chave: Agricultura Urbana, Ruralidades, Cidade-Campo, Direito à Cidade.

ABSTRACT

The city-countryside relationship is a complex one that, throughout many periods of history, has been marked by conflicts over power, but after the Industrial Revolution, the city began to play an active role in development, serving as the center of development modernity itself, while the countryside was positioned as a powerful mechanism to meet the needs of capitalism. Nevertheless, the relationship between them is more complex than described above. Thus, understanding the contemporary city-countryside relationship involves many paths that require prudence. In this context, the research focuses on the ruralities that exist within urban spaces, arising from the spatial practices resulting from this complex relationship between the countryside and the city. It necessitates a theoretical debate on the process of urbanization and city expansion within the Brazilian context, particularly in Chapecó, Santa Catarina. Along this line of thought, the discussions also address urban agriculture and the spatial practices of urban farmers, which are shaped by legacies, knowledge, and experiences that persist as production practices within urban spaces. To this end, the study seeks to analyze the production of urban space in Chapecó from the perspective of the countryside-city relationship, focusing on spatial practices and experiences tied to urban agriculture activities. The investigation was carried out through a bibliographical review, but also field research and observations, as well as interviews, and mapping of existing urban agriculture areas. From the development of this research, three different categories of urban agriculture were identified. The first category consists of agricultural areas dedicated to horticulture, which form a significant green belt in conjunction with urban spaces. The second category of urban agriculture includes vegetable gardens, plantations, and the raising of small animals on small land plots within the city. The third category corresponds to vegetable gardens associated with social projects, such as those in schools, health centers, NGOs, and other organizations. The spatial practices related to urban agriculture in Chapecó are diverse and establish strong connections with the city, making them unique in the reproduction of urban space.

Keywords: Urban Agriculture, Ruralities, City-Country, Right to the City.

RESUMEN

La relación ciudad-campo es una relación compleja que, en muchos períodos de la historia, estuvo marcada por conflictos en la disputa por el poder. Sin embargo, tras la Revolución Industrial, la ciudad comenzó a desempeñar un papel activo en el desarrollo al convertirse en la centralidad de la modernidad del propio desarrollo, mientras que el campo fue concebido como un mecanismo potente para atender las necesidades del capitalismo. No obstante, ambas tienen relaciones más complejas que las descritas anteriormente. Así, comprender la relación ciudad-campo en la actualidad implica múltiples enfoques que requieren prudencia. En este contexto, la investigación se enfoca en las ruralidades existentes en los espacios urbanos a partir de las prácticas espaciales resultantes de esta compleja relación entre el campo y la ciudad, siendo necesario un debate teórico sobre el proceso de urbanización y expansión de las ciudades en la coyuntura brasileña, principalmente en Chapecó, Santa Catarina. En esta línea de pensamiento, en un segundo momento, se dirigen las discusiones hacia la agricultura urbana y las prácticas espaciales de los ciudadanos agricultores, compuestas por las herencias, los saberes y las experiencias que permanecen como prácticas de producción en el espacio urbano. Para ello, se busca analizar la producción del espacio urbano de Chapecó desde la perspectiva de la relación campo/ciudad, en lo que respecta a las prácticas espaciales y las experiencias relacionadas con las actividades de agricultura urbana existentes. La investigación se llevó a cabo mediante una revisión bibliográfica, estudios y observaciones de campo, entrevistas y el mapeo de las áreas de agricultura urbana existentes. A partir del desarrollo de esta investigación, fue posible identificar tres categorías diferentes de agricultura urbana. La primera corresponde a las áreas de agricultura destinadas a la horticultura, que conforman un gran cinturón verde en confluencia con los espacios de la ciudad. La segunda categoría de agricultura urbana encontrada incluye huertos, plantaciones y la cría de pequeños animales en terrenos reducidos dentro de la ciudad. La tercera categoría está relacionada con huertos vinculados a proyectos sociales, como en escuelas, centros de salud, ONGs, entre otras entidades. Las prácticas espaciales relacionadas con la agricultura urbana en Chapecó son diversas y establecen fuertes vínculos con la ciudad, convirtiéndose en algo singular en la reproducción del espacio urbano.

Palabras clave: Agricultura Urbana, Ruralidades, Ciudad-Campo, Derecho a la Ciudad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Box 1 Horta da Linha Caravaggio	56
Figura 2 – Box 2 Horta do Bairro Engenho Braum	60
Figura 3- Fotografia das Hortas do Bairro Desbravador	61
Figura 4 – Box 3 Horta do bairro Lider	64
Figura 5 – Box 4 Horta do Bairro Palmital	66
Figura 6- Fotografia das Horta do Bairro Bela Vista	67
Figura 7- Fotografia das Hortas do Bairro Bela Vista	68
Figura 8 - Fotografia da Horta no bairro Bela Vista	69
Figura 9 - Fotografia da Horta no bairro São Cristóvão	70
Figura 10 - Fotografia das Hortas no bairro Desbravador	71
Figura 11 - Fotografia das Hortas no bairro Efapi	72
Figura 12 – Box 5 Horta do Bairro Bom Pastor	73
Figura 13 - Cartaz do Projeto Ressocializar	75
Figura 14 – Fotografia da Horta da Penitenciária Agrícola de Chapecó/SC	76
Figura 15 – Fotografia da divisão de Terras na Cia Territorial Sul Brasil	78

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do Município de Chapecó/SC	8
Mapa 2 – Mancha urbana de Chapecó/SC em 1984	22
Mapa 3 – Mancha urbana de Chapecó/SC em 2004	23
Mapa 4 – Distribuição da população por extremos de renda em 2010 (Salário mínimo – R\$510,00) e localização agroindustrial	24
Mapa 5 – Mancha urbana de Chapecó/SC em 2023	25
Mapa 6 – Usos do solo no Município de Chapecó em 2022	26
Mapa 7 – Usos do solo urbano de Chapecó em 2022	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Percentual de população urbana em comparativo com a população total do Brasil entre 1940-1980.....	19
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AU	Agricultura Urbana
IBGE	Instituto Brasileira de Geografia e Estatística
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar
ONG	Organização Não Governamental
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
IPTU	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana
UNOCHAPECÓ	Universidade Comunitária da Região de Chapecó

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	METODOLOGIA	19
2	A PRODUÇÃO DO URBANO CONTEMPORÂNEO.....	21
2.1	URBANIZAÇÃO DO CAMPO.....	25
2.2	URBANIZAÇÃO EM CHAPECÓ.....	29
3	AGRICULTURA URBANA	42
3.1	AGRICULTURA URBANA EM CHAPECÓ.....	50
4	AGRICULTURA URBANA CHAPECOENSE E O DIREITO À CIDADE .	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

1 INTRODUÇÃO

A relação cidade-campo foi historicamente colocada em contraste, ou seja, o campo tem sido associado a uma forma de vida simples, sendo identificado como um lugar de atraso. A cidade, por sua vez, é vista como o lócus da modernidade, do desenvolvimento, do progresso. Ambos, entretanto, possuem relações mais complexas e significativas do que as descritas acima, como afirma Williams (2011, p. 21):

[...] mas sempre que penso nas relações entre campo e cidade, e entre berço e instrução, constato que se trata de uma história ativa e contínua: as relações não são apenas de ideias e experiências, mas também de aluguéis e juros, situação e poder — um sistema mais amplo.

Nessa perspectiva, este trabalho foca nos usos do espaço urbano a partir das práticas espaciais relacionadas à produção de alimentos, resultantes dessa relação complexa cidade-campo. Para isso, busca-se realizar um debate teórico sobre o processo de urbanização no âmbito histórico-geográfico brasileiro, dedicando atenção para as particularidades ocorridas em Chapecó/SC.

O tema desta pesquisa se pauta nas discussões de Milton Santos e Henri Lefebvre, este último, em especial, pelo seu livro *O direito à cidade* (2016), visto que é mais que necessário discutir sobre o tipo de cidade e para quem ela é produzida, levando em conta a acentuação das desigualdades neste país. Esta compreensão é basilar para entender a formação das cidades brasileiras, tal qual as particularidades presentes em Chapecó ao longo do século XX e início do XXI. Nesta linha de pensamento, ampliam-se as discussões voltadas para a agricultura urbana e as práticas espaciais, as heranças, os saberes, as experiências que permanecem entendendo-as enquanto práticas de produção do espaço relacionadas com os direitos às condições de vida propostos por Lefebvre (2016). Entretanto com a complexidade da sociedade urbana, outros direitos tornam-se essenciais para a vida, como alimentação saudável e segurança alimentar e, para isso, é necessário compreender que a segurança alimentar transita pela quantidade, qualidade e regularidade no acesso aos alimentos (Bosetti, 2023).

Portanto, para pensar uma agricultura urbana, é essencial pensar na multifuncionalidade que essa atividade proporciona para as pessoas. De acordo Yonegura e Silva (2022, p. 3): “A agricultura urbana (AU) é um fenômeno caracterizado pela produção

agrícola no perímetro urbano, tanto para fins alimentícios de autoconsumo, quanto para geração de renda.”

Entretanto, a agricultura urbana representa outras funções, para além daquelas citadas anteriormente, como do ponto de vista ambiental: por intermédio da reciclagem de resíduos urbanos, estabelecem cinturões verdes na cidade, fornecem alimentos frescos. Aspectos socioeconômicos também se destacam, porque por meio dela é possível que comunidades carentes tenham acesso a esses alimentos, bem como pela geração de emprego e renda (Azevedo *et al.*, 2020).

Em vista disso, entende-se a agricultura como uma prática espacial de produção e reprodução de heranças, saberes e experiências desenvolvidas para além dos fins econômicos, mas que tem como principal característica a produção de alimentos para autoconsumo humano ou uma pequena comercialização, associada a uma variedade de produtos que, quando comparada aos níveis de mercado, é considerada limitada. De acordo com Williams (2011, p. 12): “A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido”. Provocando mudanças na agricultura, que além da agricultura tradicional descrita a cima, passa a difundir uma agricultura capitalista, que se preocupa com a produção de commodities.

Parte desse impulso para a produção de commodities se deve à atual configuração do sistema agroalimentar, que provocou mudanças estruturais no meio rural por meio da incorporação de novos modelos de produção, processamento e comercialização, sintonizados com as tendências globais. (Bazotti; Coelho, 2017, 115).

A urbanização e a reestruturação do campo contribuíram significativamente com o processo de êxodo rural, ocasionando não só um movimento migratório de pessoas do campo para as cidades, mas também uma alteração do modo de vida das pessoas que passaram a residir nos centros urbanos. De acordo com Alba *et al.* (2015), com base no Censo Demográfico do IBGE (2010), esse processo de inversão populacional rural-urbana no oeste catarinense ocorreu principalmente entre as décadas de 1970 e 1980. Chapecó, por exemplo, na década de 1970, tinha 29.590 pessoas residindo em área rural e 22.275 na área urbana, porém, na década seguinte, esse número passa para 28.499 em áreas rurais e 55.269 em área urbana, ou seja, em 1980 Chapecó já tinha sua população urbana não apenas maior que a rural como também quase o dobro desta.

O processo de êxodo rural, em conjunto com a revolução verde, acarretou mudanças significativas no campo e, muitas vezes, no modo de vida camponês, entretanto, não é

somente no campo que essas transformações ocorreram, visto que as pessoas que realizaram esse movimento migratório para a cidade levaram consigo as heranças de um modo de vida camponês, que tem suas tradições, saberes, símbolos e experiências. Nessa perspectiva, olhar para as ruralidades da cidade de Chapecó está intimamente ligado a esse processo e como ele é muitas vezes incorporado ou resinificado pelos cidadãos.

Desta forma, a pesquisa é importante para compreender a realidade, levando em conta o processo de urbanização, em cujos interstícios as práticas camponesas continuam re-existindo¹ e reforçam os saberes e as práticas rurais, bem como complexifica essa relação cidade-campo.

O direito à cidade está lado a lado com essa pesquisa, pois, de certa forma, ele é um direito à vida urbana, também apropriado pelos sujeitos do campo. Portanto, podemos chegar à formulação da primeira premissa, qual seja, de que os cidadãos têm direito às condições de vida urbana, naqueles moldes propostos por Lefebvre (2016), que são o direito à cultura, ao lazer, ao trabalho, ao descanso, à saúde, à educação, à habitação, em síntese, a uma vida urbana renovada, mas não como espectadores e sim como participantes ativos da construção deste direito (Catalão; Magrini, 2017).

Entretanto, com a complexidade da vida moderna, outros aspectos, além daqueles anteriormente citados, se fazem necessários para a vida humana. De acordo com Nagib (2016) e a análise que ele fez em relação à produção de alimentos orgânica, bem como a preocupação mundial com relação à alimentação, os impactos ambientais relacionados com os processos de urbanização, modernização do campo, a propagação da cultura dos *fast foods*, faz-se necessário falar de alimentação saudável como um direito humano, visto que existe uma alienação por parte da sociedade, principalmente em relação às populações urbanas sobre os alimentos que são ingeridos.

Os objetivos da pesquisa são os seguintes: analisar a produção do espaço urbano de Chapecó na perspectiva da relação cidade-campo, no que tange às práticas espaciais e às experiências voltadas às atividades de agricultura urbana existentes; analisar as transformações socioespaciais do campo e da cidade em Chapecó/SC; identificar, localizar e explorar ruralidades e espaços de produção agrícola dentro e nos interstícios da cidade de Chapecó; e, por fim, refletir e discutir sobre o direito à cidade a partir dessa relação cidade-campo.

¹ Re-existência de acordo com Porto-Gonçalves (2008, p. 47): “Por isso, mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage, simplesmente à ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo.”

Portanto, essa pesquisa busca contribuir na compreensão dessa complexa relação cidade-campo, com um olhar sensível ao processo de urbanização, principalmente relacionado à produção e apropriação dos espaços urbanos, mas também com um olhar sobre as práticas espaciais que são resultado dessa herança camponesa e que (re)existem frente à expansão do modo de vida urbano; ademais, pretende contribuir para o debate acerca do direito à cidade, desta vez numa perspectiva menos convencional.

Os seguintes questionamentos buscam nortear os capítulos da dissertação produto da pesquisa realizada: De que forma o processo de urbanização e a migração do campo para a cidade² têm impactado na apropriação e produção do espaço urbano? Existem práticas relacionadas aos saberes camponeses na cidade de Chapecó? Que experiências são desenvolvidas na cidade? Quais são as ruralidades encontradas? Existem práticas espaciais relacionadas com a agricultura urbana em Chapecó? Quais motivos levaram à criação e apropriação desses espaços de produção agrícola?

A pesquisa tem sua justificativa vinculada ao avanço do processo de urbanização, que trouxe consigo mudanças não somente infraestruturais, mas também no modo de vida das pessoas, tanto daquelas que moram nas cidades como das que moram e trabalham no campo, pois a reestruturação e a modernização conduziram a uma aproximação entre a cidade e o campo, cuja relação é muito complexa e diverge em muitas opiniões entre os pesquisadores.

Assim, a rápida expansão urbana de Chapecó em conjunto com o processo de inversão populacional do campo para a cidade e as reestruturações recentes que a cidade vem sofrendo implicam direta e indiretamente nas experiências vividas pelas pessoas em seus usos dos espaços, pois essa expansão, sem um gerenciamento adequado e que contemple a todos, inclusive nas áreas periféricas da cidade, acarretaram a fragmentação dos espaços e o aprofundamento das desigualdades socioespaciais.

A pesquisa buscou propiciar a interpretação das formas contemporâneas de diferenciação e desigualdade encontradas pelos cidadãos em relação aos espaços e condições de vida encontradas, aproximando-se das dimensões do direito à cidade, mas também compreender os usos e apropriações dos espaços urbanos para as práticas espaciais relacionadas à agricultura urbana.

² De acordo com Hübner e Simões (2024) a migração do campo para a cidade ainda é uma realidade na região imediata de Chapecó, com base nos censos demográficos do IBGE de 1991 até 2010, esse movimento migratório ainda ocorre, principalmente com relação à juventude o processo de migração é frequente. Entre os motivos estão principalmente a busca por renda, trabalho urbano ou pela falta de política pública que incentivem a permanência no campo.

1.1 METODOLOGIA

Com o intuito de construir esta pesquisa da forma mais rigorosa possível, têm sido utilizados diversos procedimentos, cuja divisão foi feita por etapas para que fosse possível combinar o debate teórico com a pesquisa de campo.

A primeira etapa da pesquisa consistiu no diálogo com uma ampla bibliografia, por meio de livros, mas também pesquisando em plataformas, entre as quais: Google Acadêmico, Scielo, repositórios institucionais, banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e também em anais de eventos científicos. Foram pesquisados trabalhos que abordam o processo de urbanização, a produção do espaço urbano e as mudanças decorrentes na relação cidade-campo, evidenciando o processo de segregação e as desigualdades dentro dessas transformações. Mas também tem sido necessário aprofundar o diálogo e o estudo sobre o *direito à cidade* de Lefebvre (2016), como um direito ao modo de vida conectado com os movimentos que têm ocorrido nesse espaço. Este direito engloba o estudo dos fenômenos e das práticas desenvolvidas pelos cidadãos, principalmente as relações estabelecidas entre o rural e o urbano, como a agricultura urbana, agroecológica e as ruralidades, considerando o contexto em que eles estão inseridos e como o processo de urbanização influenciou seu modo de vida, sobretudo relacionado com a produção de alimentos.

A segunda etapa consistiu na pesquisa de campo, com a finalidade de observar os lugares e nos aproximarmos das experiências dos cidadãos, conhecendo locais de cultivo para entender o cotidiano e como ocorrem as relações estabelecidas com o espaço urbano. De acordo com Kozenieski *et al.* (2020, p. 20), os trabalhos de campo:

Contribuem para uma interação particular entre teoria e prática, garantindo autenticidade às observações e experiências, possibilitando novas teorias e descobertas, colocando-as à prova. Tais práticas são produtos e produtoras do conhecimento, uma vez que envolvem uma atitude investigativa com reflexão e intervenção da/na realidade estudada. Por isso, defendemos que trabalho de campo é práxis.

Para tanto, foi necessário ir aos bairros de Chapecó, para verificação *in loco*, o que foi identificado a partir do momento em que os cidadãos foram abordados, através da rede de contatos ou da abordagem direta a partir da identificação dos locais de produção. Esta etapa se realizou em concomitância com a etapa seguinte em função da concordância dos cidadãos, para a realização das entrevistas em suas residências.

A terceira etapa consistiu nas entrevistas³ com moradores de Chapecó que praticam agricultura urbana, com o objetivo de identificar o contexto das produções agrícolas coletivas ou individuais, mas, ao mesmo tempo, observar os benefícios e as dificuldades dessas práticas na produção do espaço. Para realizar a aproximação com os entrevistados, foi consultada uma rede de contatos de conhecidos e indicações de forma que fosse possível construir uma relação de confiança entre pesquisador e entrevistados. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e, como metodologia para a análise das entrevistas, foi utilizada a proposta realizada por Sposito e Catalão (2024) que se baseou em três categorias, originalmente pensadas por Breton (2022), mas ligeiramente adaptadas. A primeira, espaço-temporal, consiste em contemplar as dimensões espaciais e temporais vividas no cotidiano e nas práticas realizadas pelos entrevistados. A segunda é a categoria experimental, ou seja, olhar para a trajetória de vida do entrevistado por meio das experiências vividas e a terceira categoria é a inferencial, que corresponde a observar as interpretações produzidas pelos entrevistados que revelam as narrativas relacionadas às dimensões sensíveis das experiências vividas.

A quarta etapa correspondeu à elaboração de um mapeamento de práticas camponesas, principalmente das hortas urbanas coletivas ou individuais e outras ruralidades que foram sendo descobertas ao longo da pesquisa, a partir da construção das etapas anteriores, com o objetivo de mapear e estudar essas áreas. Boxes foram elaborados para explorar e qualificar melhor os lugares mais emblemáticos da pesquisa.

³ Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, os nomes usados são fictícios e eles não foram identificados nesta dissertação.

2 A PRODUÇÃO DO URBANO CONTEMPORÂNEO

A urbanização, de maneira geral, sempre esteve especialmente relacionada às ideias de progresso e modernidade, sendo, portanto, antagônica à ideia de atraso, que está tradicionalmente vinculada aos espaços rurais. Wanderley (2001) desenvolve a ideia de *continuum* para explicar a relação rural-urbano a partir de duas vertentes, sendo a primeira uma visão urbano-centrada em que o polo urbano é a fonte de progresso e o campo do atraso. A segunda remete a uma relação do *continuum* rural-urbano de aproximação e integração entre eles: “as relações entre o campo e a cidade não destroem as particularidades dos dois pólos e, por conseguinte, não representam o fim do rural; o *continuum* se desenha entre um pólo urbano e um pólo rural, distintos entre si e em intenso processo de mudança em suas relações” (Wanderley, 2001, p. 33).

O urbano enquanto modo de vida (Soja, 2008) é a condição moderníssima da nossa evolução social, já que as bases que sustentavam a sociedade até o período imperial vinham do campo (Santos, 2020). Porém, à medida que a urbanização se desenvolve, essas bases vão se modificando, sendo perceptível em diversos aspectos, sobretudo quando a casa da cidade passa a ser a residência mais importante dos fazendeiros e antigos senhores do engenho.

O processo de urbanização para o interior do Brasil caminhou concomitantemente com a expansão das indústrias, sendo que, para que ambas obtivessem êxito, era necessária uma série de mecanismos para absorver e escoar a produção industrial, em outras palavras, não era suficiente aumentar a produção de mercadorias sem aumentar o mercado consumidor e mais: precisava-se difundir o discurso da modernidade para que o mercado capitalista se propagasse e se fortalecesse.

Ainda de acordo com Santos (2020), o processo de industrialização, que é impulsionado no Brasil nas décadas de 1940 e 1950 principalmente, é mais amplo do que apenas criação de atividades industriais. Trata-se de um processo social complexo, que tem como base a formação de um mercado nacional, bem como os esforços para equipar o território e integrá-lo, a partir de um mercado consumidor, potencializando também o processo de urbanização.

Para tanto, foram necessárias inúmeras medidas que garantiram a consolidação do processo de industrialização em conjunto com a urbanização. Segundo Santos e Silveira (2020), a modernização iniciada no país facilitava a concentração tanto econômica quanto espacial, no entanto a rápida expansão das atividades industriais no centro do país exigia novos mercados consumidores e, com o objetivo de atender essa demanda, surgem novas cidades e as que já

existiam nesse período passam a se desenvolver, desencadeando uma série de cidades no interior do país conectadas pelas rodovias, o que possibilitou novas formas de relação entre as metrópoles e os centros regionais.

A urbanização brasileira contemporânea tem sido, marcadamente, influenciada pelas transformações econômicas, políticas, sociais e espaciais propiciadas pela intensificação e as mudanças nas formas de articulação do Brasil com a economia capitalista (Sposito, 2003).

Santos (2020) discorre sobre o processo de inversão populacional e de explosão demográfica entre 1940 e 1990, demonstrando que na década de 1940 o Brasil tinha cerca de 41,3 milhões de habitantes, entretanto em 1991 a população já havia ultrapassado 150 milhões de pessoas. No entanto, além dessa explosão demográfica, o percentual de pessoas que passaram a viver nas cidades saiu de 26,33% para 77,13% no mesmo período.

Tabela 1- Percentual de população urbana em comparativo com a população total do Brasil entre 1940-1980

	BRASIL	
	População total	População urbana
1940	41.326.000	10.891.000
1950	51.944	18.783
1960	70.191	31.956
1970	93.139	52.905
1980	119.099	82.013

Fonte: Santos, 2020.

Do ponto de vista demográfico, Santos (2010) explica que as áreas urbanas dos países periféricos como o Brasil tiveram características diferentes dos países industrializados, sendo que, por sua industrialização, eles se beneficiaram de certos progressos e obtiveram queda nas taxas de mortalidade geral e infantil, muitas vezes menores que as do campo, taxas elevadas de natalidade e uma grande ajuda do processo de êxodo rural, que ocorreu de modo mais progressivo.

No entanto, os índices demográficos de inversão populacional, bem como o processo de êxodo rural, não são as únicas demonstrações do papel desempenhado pela industrialização no processo de urbanização. Como afirma Sposito (2022), o desenvolvimento do capitalismo industrial alterou o papel desempenhado pelas cidades e a sua estrutura interna, ou seja, como formas espaciais produzidas socialmente mudam nessa passagem do capitalismo comercial para o capitalismo industrial ou concorrencial.

É importante destacar que o processo de crescimento das cidades e o aumento do movimento populacional passaram a exigir uma organização dos espaços, tendo os governos que gerir, em um curto período, o que não havia sido conjecturado. Desta forma, a vida urbana, que não se resume à habitação ou trabalho, acabou parcialmente destituída das suas características, já que outros elementos eram necessários, mas não foram suficientemente desenvolvidos, como mobilidade, educação, saúde, saneamento básico, lazer e inúmeros outros aspectos que dimensionam a vida urbana.

Pois bem, o aumento populacional, em conjunto com o papel desempenhado pelas cidades e sua organização para atender às demandas do capitalismo industrial, levou a uma diferenciação dos espaços. Para Sposito (2022), em conjunto com uma diferenciação dos espaços há uma divisão social do trabalho e ambas as divisões se correlacionam pois, à medida que as cidades vão sendo produzidas e reproduzidas para atender as demandas do capitalismo industrial, os espaços vão sendo diferenciados, por exemplo, centro/periferia, em que o centro concentra as atividades comerciais e as periferias as atividades industriais. Há também uma divisão social do trabalho, pois as pessoas que trabalham nessas indústrias (assalariados) necessitam de moradia que, por muitas vezes, vai para além das áreas industriais que já eram periféricas, com padrões habitacionais, infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos precários ou inexistentes. Conjuntamente se deparam com altos preços imobiliários, o que reforça a diferenciação dos espaços. Enquanto isso, outros trabalhadores em menor intensidade de precarização ou até mesmo os grandes executivos localizam-se em bairros mais bem estruturados, com o sistema de infraestrutura e serviços completo, o que evidencia, cada vez mais, o papel das pessoas e dos espaços em uma sociedade capitalista.

De acordo com Lefebvre (2001), a divisão do trabalho, especialmente entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, aprofunda a separação entre cidade e campo, em decorrência da oposição de interesses. Entretanto, o autor chama a atenção para a diferença que há entre o trabalho comercial e industrial dentro da própria cidade, já que a organização de uma sociedade capitalista contribui para essa divisão na própria produção e configuração das cidades.

Lefebvre (2016) afirma que a cidade desempenhou um papel importante no impulso da industrialização, pois as concentrações urbanas acompanham as concentrações de capital. E por industrialização ele chama a atenção para que não pensemos apenas em empresas locais e sim em cifras globais de produção.

Na transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, a cidade aparece como lugar de trabalho livre, ou seja, ela representa a possibilidade da liberdade de escolha, embora

relativa. Entretanto, com o avanço das tecnologias de produção agrícola, há uma grande produção de excedente e graças a esse excedente é que as pessoas passam a se dedicar a outras atividades (Santos, 2014).

Nesse sentido, a cidade passa a ser o lócus principal dessas transformações, porém é evidente que a produção de excedente possibilitou a mudança nas atividades desenvolvidas pelas pessoas e, ao mesmo tempo, as pessoas se viram obrigadas a sair do campo pela falta de trabalho, passando a trabalhar nos empregos que lhes eram oferecidos. Logo, esse movimento de libertação do trabalho agrícola não vem por um sonho de buscar outras profissões e sim se apresenta muitas vezes como uma necessidade para a sobrevivência, sendo ainda muito presente em nossa sociedade. Portanto, a cidade se apresenta de formas variadas para cada um, podendo ser o local de liberdade de escolha, do desenvolvimento e da prosperidade, ao mesmo tempo que é repleta de contradições e desigualdades, provocando uma série de questionamentos sobre essa prosperidade, esse desenvolvimento e essa liberdade, começando com: Para quem?

Consequentemente, para pensar no espaço urbano, em conceitos como a divisão social do trabalho, na própria configuração das cidades ou até mesmo na sua função e hierarquia urbana, é necessário um olhar minucioso, pois a cidade é produzida e reproduzida pelas pessoas, ao mesmo tempo que o é pelo capital e pelos agentes econômicos. Por isso, Carlos (2009, p. 70, grifo da autora) propõe:

Aqui nos propomos a analisar o espaço enquanto *condição, meio e produto* da reprodução da sociedade, o que nos leva necessariamente a discutir o papel do homem [ser humano] enquanto sujeito, percorrendo sua vida, valores, cultura, lutas, ansiedade e projetos, portanto o homem [ser humano] agindo. Logo pensar o urbano significa pensar a dimensão do humano.

A vida urbana, muitas vezes, foi condicionada pelo processo de urbanização, como já mencionado, atendendo à lógica industrial, ao capitalismo e às suas demandas, porém ela não se resume às questões econômicas, já que os seres humanos são capazes de se organizar politicamente em movimentos que buscam melhorar as condições de vida, provocando mudanças no meio em que vivem.

A cidade é um espaço complexo cujas vantagens vão além da melhoria de vida ou do desenvolvimento econômico. Simultaneamente, é um espaço de exclusão e repulsão, em que o modo de vida urbano demonstra o melhor e o pior desse processo, pois a produção do espaço urbano está ligada ao jogo de interesse do capital, seguida por uma teia de ações e manipulações dos agentes sociais, em particular das elites (Santos, 2009).

2.1 URBANIZAÇÃO DO CAMPO

Pensando sobre a produção do espaço urbano e os agentes transformadores do espaço, é importante compreender que a forma como o capitalismo se organizou no Brasil no século XX, em conjunto com o processo de urbanização, não afetou somente o espaço urbano, ele se apropriou dos espaços rurais para desenvolver a sua estratégia política, econômica e social.

Este subcapítulo é, portanto, um momento de reflexão sobre os aspectos desse processo de urbanização que acarretou em uma modernização técnica e tecnológica do campo que vem acontecendo em concomitância com o crescimento e a estruturação das cidades para atender às demandas do modo de produção capitalista. Dessa forma, é inevitável falar sobre o campo e o processo de modernização, que estão fortemente relacionados e isso ajuda a fundamentar essa relação entre cidade e campo, além de evidenciar as ruralidades e práticas camponesas em suas transformações e permanências.

Para intensificar o processo de industrialização e de urbanização capitalista, foi necessário adequar o campo e a produção agrícola. Para tanto, alguns pontos foram fundamentais, como a mecanização mediante a expansão e propagação do uso do trator, que se tornou símbolo desse desenvolvimento, contudo outras ferramentas foram sendo necessárias, por exemplo, a utilização das técnicas de melhoramento genético de plantas e animais, o uso de fertilizantes e outros insumos agrícolas, que facilitam o aumento da produção e a redução de mão de obra, sendo então um fator para a expulsão de milhares de trabalhadores do campo para as cidades, principalmente os grandes centros que ofereciam uma série de benefícios, principalmente empregos frutos do processo de expansão das indústrias para o interior do país.

O processo de urbanização, nesse sentido, caracteriza-se pelo período em que a população da cidade cresce mais que [aquela d]o meio rural. Esses conceitos são essenciais para que possamos refletir sobre as características de um complexo processo histórico, que caracterizou a urbanização brasileira (FERREIRA, 2017, p. 108).

Na Europa, na medida em que as cidades passam a se estruturar e se transformar em decorrência do desenvolvimento capitalista, mas também como condição dele, surge uma disputa entre as nobrezas agrárias e as oligarquias urbanas e há uma reversão da situação, ou seja, antes havia uma dominação por parte do campo sobre as cidades e a estrutura era feudal enquanto as cidades ainda eram débeis. Todavia, as cidades passam a desempenhar uma certa dominação sobre o campo e crescem, em particular as cidades comerciais, dando

prosseguimento ao capitalismo (Lefebvre, 2001). Mesmo que Lefebvre tenha se referido ao século XIX, essa disputa entre as oligarquias urbanas e agrárias podem ser observadas tanto no século XX quanto no início do século XXI.

O campo e a cidade estão sendo disputados a todo momento, principalmente pelos processos de urbanização e industrialização, fruto do modo de produção capitalista, que se infiltrou e expandiu de tal forma pelo mundo globalizado que as relações cidade-campo ficaram cada vez mais complexas e amalgamam-se de tal forma que as ruralidades e as urbanidades estão presentes em ambos os espaços.

A partir da chamada “Revolução Verde”, em todos os governos foi intensificado o discurso sobre a importância da produção de alimentos para solucionar o problema da fome no país. A partir de então, foram criadas e implementadas até a atualidade as políticas voltadas para a produção agrícola, sempre embasadas na eficiência produtiva. Para garantir a eficiência produtiva, ficou estabelecido um aparato tecnológico e industrial para a fabricação de máquinas e implementos, fertilizantes, agrotóxicos, sementes, genética animal, ração, veículos, etc. Contudo, esta evolução tecnológica não atendeu a maior parte das famílias rurais, muito em função do alto custo de acesso a essas tecnologias (Moura *et al.*, 2013, p. 70).

De acordo com Lohn (1997, p. 17), houve uma “expansão capitalista na agricultura ocorrida logo após a Segunda Guerra Mundial, momento em que foi institucionalizada definitivamente a ‘necessidade’ de superar o ‘atraso’ de grande parte da sociedade”.

Nessa perspectiva, foram necessárias inúmeras medidas para desenvolver o campo, modificando os meios de produção, aumentando a produtividade, desenvolvendo a integração do território, ademais do modo de vida das pessoas para atender às demandas da produção agrícola agora tecnificada e que atenda às exigências do mercado capitalista.

Esse meio técnico-científico (melhor será chamá-lo de meio técnico-científico-informacional) é marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para a sua realização. A informação, em todas as suas formas, é o melhor motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação (SANTOS, 2020, p. 38).

Ao olhar para o campo pensando a partir do meio técnico-científico-informacional no final do século XX e início do século XXI, faz-se necessário refletir sobre o modo como a agricultura capitalista foi implantada no campo e como isso impactou a vida das pessoas, em razão da transformação da técnica e do desenvolvimento da ciência, o que fez muitas famílias buscarem nas cidades trabalho e sobrevivência, além do sonho do progresso.

Em seguida, no século XX, os ganhos de produtividade provenientes da segunda revolução agrícola (motorização, mecanização, fertilização mineral, seleção,

especialização) foram tão grandes que levaram a uma redução muito importante dos preços reais (deduzindo a inflação) da maior parte dos gêneros agrícolas. Assim, a relação de produtividade do trabalho entre a agricultura manual menos produtiva e a agricultura motorizada e mecanizada mais produtiva quintuplicou, passando de 1 a 10 no princípio do século a 1 a 500 atualmente. Confrontados com essa dura concorrência, atingidos pela queda dos preços, os agricultores menos equipados e os menos produtivos viram sua renda desintegrar-se. Incapazes de investir e de se desenvolver, foram condenados ao atraso e à consequente eliminação. Assim, dezenas de milhões de pequenas e médias propriedades agrícolas dos países desenvolvidos desapareceram desde o princípio do século. Após algumas décadas, as mesmas causas produziram os mesmos efeitos. Centenas de milhares de propriedades camponesas subequipadas dos países em desenvolvimento se viram, por sua vez, mergulhadas na crise e eliminadas, alimentando a maré montante do êxodo agrícola, do desenvolvimento da pobreza rural e urbana (Mazoyer; Roudart, 2010, p. 46-47).

A tecnificação dos espaços agrícolas desencadeou o êxodo rural, porém não foi a única consequência, pois modificou as relações de trabalho no campo, assim como foi responsável por modificar o modo de vida das pessoas que permaneceram e tiveram que se adaptar a esse sistema mecanizado, proveniente de uma agricultura capitalista, preocupada com os ganhos da produtividade e não se atentando para as pessoas que vivem dessa atividade nem para o modo de vida ou os efeitos que essa migração iria causar nas cidades, que ao se tornarem o lócus de absorção desse movimento migratório do campo para a cidade, se veem forçadas a se reestruturar e se adaptar para atender as demandas e as necessidades da população, bem como, do capitalismo.

As cidades locais [menores] mudam de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades marcantes eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados (Santos, 1992, p. 16).

De acordo com Santos (2014), as novas relações entre o campo e a cidade implicam em uma nova hierarquia urbana, pois, quanto mais modernizada a atividade agrícola, mais ampla são suas relações e mais longe é o seu alcance. Então, a hierarquia da vila, para a cidade local, para a cidade regional, para a metrópole, é rompida, visto que nem o campo, nem a cidade mantêm relações somente com a cidade mais próxima na hierarquia. A partir do desenvolvimento das atividades agrícolas, bem como das atividades agroindustriais, essas relações se complexificam e estabelecem novas hierarquias ou mesmo heterarquias (Catelan, 2013).

De acordo com Mazoyer e Roudart (2010), o campo tem passado por uma série de medidas que levaram a uma agricultura cerealista, além de promover a concentração de terras, visto que o Brasil não passou por uma reforma agrária e os camponeses que não se equiparam são destituídos de suas terras pelas grandes propriedades agrícolas de uma forma legalizada, entretanto fruto das condições que são impostas e que tornam inviável permanecer no campo.

Nessa perspectiva, a agricultura moderna é aquela mecanizada, altamente desenvolvida, com inúmeras tecnologias e maquinários, bem como a utilização de melhoramento genético, insumos agrícolas, entre muitas outras políticas públicas que incentivaram esse modelo de agricultura e que desencadearam esse processo de concentração fundiária e migração em massa para as cidades.

Dá-se, na realidade, também, uma certa militarização do trabalho, já que o critério do sucesso é a obediência às regras sugeridas pelas atividades hegemônicas, sem cuja utilização os agentes recalcitrantes acabam por ser deslocados. Se entendermos o território como um conjunto de equipamentos, de instituições, práticas e normas, que conjuntamente movem e são movidas pela sociedade, a agricultura científica, moderna e globalizada acaba por atribuir aos agricultores modernos a velha condição de servos da gleba. É atender a tais imperativos ou sair (Santos, 2012, p. 89).

O campo, voltado para atender às demandas da agricultura capitalista, como a produção em larga escala, acaba por impor uma série de normas e restrições que contribuem para a saída dos agricultores ou então eles utilizam a integração com as agroindústrias como saída para permanecer no campo, entretanto essa integração traz uma série de consequências, como a dependência desse sistema, por exemplo, no uso das sementes que são baseadas na transgenia, que é uma semente estéril e precisa ser comprada toda safra, ou o uso abusivo de agrotóxicos e fertilizantes, que vão produzindo uma agricultura cheia de contradições. O campo enquanto local de vida, de qualidade, de produção de alimentos, assim como alimentos saudáveis, vai dando lugar para uma agricultura de commodities, de concentração de terra, com trabalho análogo à escravidão.

O campo brasileiro passou por um processo de transição, de uma modernização da agricultura que era o desenvolvimento de tecnologias que poderiam auxiliar a produção e que trariam mais conforto ao produtor, para um agronegócio que é um desenvolvimento rural orientando na visão economicista, de grandes corporações que se articulam para enaltecer uma agricultura capitalista que tem como base o aniquilamento de saberes e fazeres dos povos dos campos e das florestas (Carvalho; Oliveira, 2021).

Nessa perspectiva, o que se aponta como o processo de urbanização do campo é o desenvolvimento de mecanismos tecnológicos que aproximam cidade-campo, permitindo às

pessoas que vivem no campo o acesso à informação, à tecnologia, à luz, à internet, ao consumo, ao lazer, sem que necessariamente elas tenham que deixá-lo de modo definitivo como outrora, mas que sejam beneficiadas pelas modernidades, sem perder seus modos de vida, ou seja, é o processo de organização e aproximação do espaço rural com o espaço urbano, mas não voltado necessariamente à produção e acumulação econômica, mas sim focado em aspectos de ordem social, cultural e que contribua para aperfeiçoar a vida do campo.

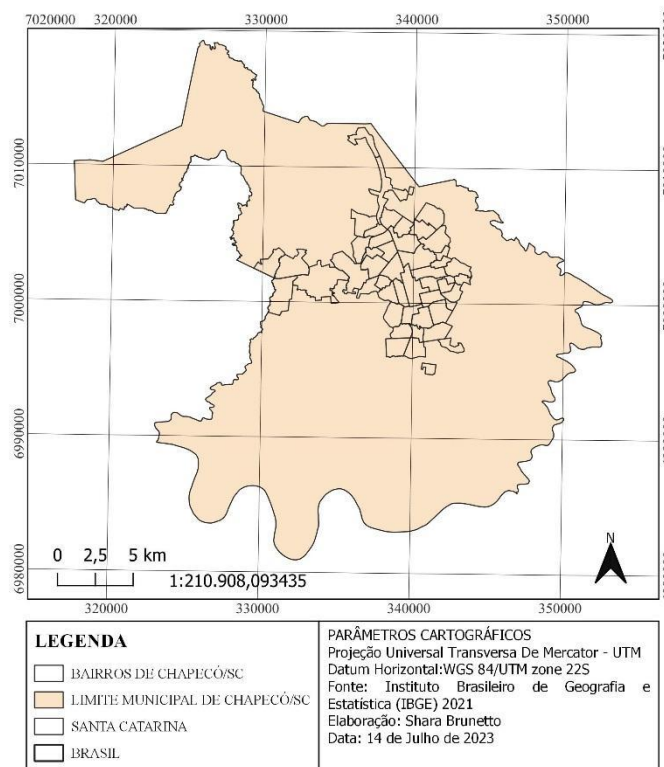
2.2 URBANIZAÇÃO EM CHAPECÓ

Chapecó é uma cidade localizada na região oeste de Santa Catarina e, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE (2022), a população registrada foi de 254.785 pessoas, alcançando cerca de 276 mil pelas estimativas para 2024. É considerada uma Capital regional B (2B) pela Regic (IBGE, 2020) e desempenhando um papel crucial na região na perspectiva de integração do território. A cidade também influencia nas suas imediações não só pela economia, mas nas áreas de educação, saúde, cultura, lazer, mobilidade, entre outras.

Situada em uma região de fronteira, ao se tornar uma capital regional B, demonstra o crescimento e a importância que ela desempenha não apenas na região oeste catarinense, mas também no noroeste do Rio Grande do Sul e no sudoeste do Paraná, tanto como atração de pessoas, como referência em comércio e serviços. Contudo, como forma de evidenciar essa zona de influência, é preciso observar a sua inserção territorial e posteriormente as dinâmicas ocorridas principalmente na segunda metade do século XX e no início do século XXI.

Mapa 1 – Inserção de Chapecó na região e no estado de Santa Catarina

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE CHAPECÓ/SC



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O desenvolvimento econômico ocorrido em Chapecó ao longo dos anos esteve interligado com o processo de expansão e modernização proporcionados no interior do Brasil. Para tanto, foi construída uma infraestrutura que visava atender as demandas da industrialização e, por consequência, criam-se mecanismos com o propósito de atrair as pessoas para trabalhar nas plantas agroindustriais instaladas na cidade a partir dos anos 1950 de forma a atender não apenas as demandas industriais próprias, mas também urbanas e do agronegócio capitalista. Nesse processo, devido à expansão da modernização agrícola e o estabelecimento de indústrias no interior do país, inclusive em Chapecó com a criação das agroindústrias e de outras indústrias ligadas a esse segmento, há um aumento nos índices de migração do campo para a cidade, mas também de pessoas das cidades vizinhas, em busca de emprego, melhores condições de vida e acesso a uma série de benefícios.

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, associado ao crescimento econômico e à consolidação dos frigoríficos, houve também um considerável incremento populacional em Chapecó, passando de 49.865 para 83.765 habitantes, sendo que a população urbana no período quase triplicou, acompanhando o processo de urbanização brasileira. Em 1970, 59% dos moradores chapecoenses estavam no campo, ao passo que em 1980 essa porcentagem baixou para 34%. Desde então, a

população urbana só tem crescido, chegando a mais de 90% já na década de 2000 (Matiello *et al.*, 2016, p. 267-268).

O aumento populacional de Chapecó está ligado à lógica da urbanização brasileira, ou seja, à criação de novas cidades, ao crescimento das metrópoles e cidades médias e à expansão das indústrias para o interior do país, mas também à implementação de novas técnicas fundamentais ao processo de modernização agrícola, bem como a construção de um sistema rodoviário ligando as metrópoles com o interior, além da disseminação das fontes de energia e posteriormente das tecnologias. Nesse contexto é que surgem as agroindústrias, ou seja, com o processo de modernização do campo e a ampliação da produção de excedentes, assim como a integração dos agricultores, o que fortaleceu esse setor na região, possibilitando o seu crescimento.

As grandes agroindústrias começaram a instalar-se no município a partir da década de [19]50, com a Chapecó Alimentos. Mas foi a partir do final da década de [19]60 e década de [19]70 que o setor se consolidou no município, principalmente com a instalação da Cooperalfa em 1969, Aurora em 1973, Ceval (antiga Extrafino) em 1971 e Sadia em 1973, e devido aos volumosos investimentos estatais, especialmente na rede de estradas para escoamento dos produtos (Reche, 2015, p. 43).

Nesse panorama, o crescimento, principalmente o populacional, pode ser visto na sua mancha urbana. Para tanto, foram produzidos três mapas (Mapas 3, 4 e 6), com imagens históricas que representam esse aumento populacional, bem como o aumento do perímetro construído. Além disso, possibilitam observar as direções do crescimento urbano. Para a produção do mapa, foram utilizadas imagens históricas de Chapecó, disponíveis no Google Earth e, como forma de comparação, foi utilizada a base dos bairros de 2023, com o objetivo de dar visibilidade para a parte que compõe a cidade e as áreas de expansão fundiária e imobiliária, assim como as áreas que eram destinadas para a produção agrícola no campo em 1984 e que hoje se encontram como bairros, inseridos na malha urbana.

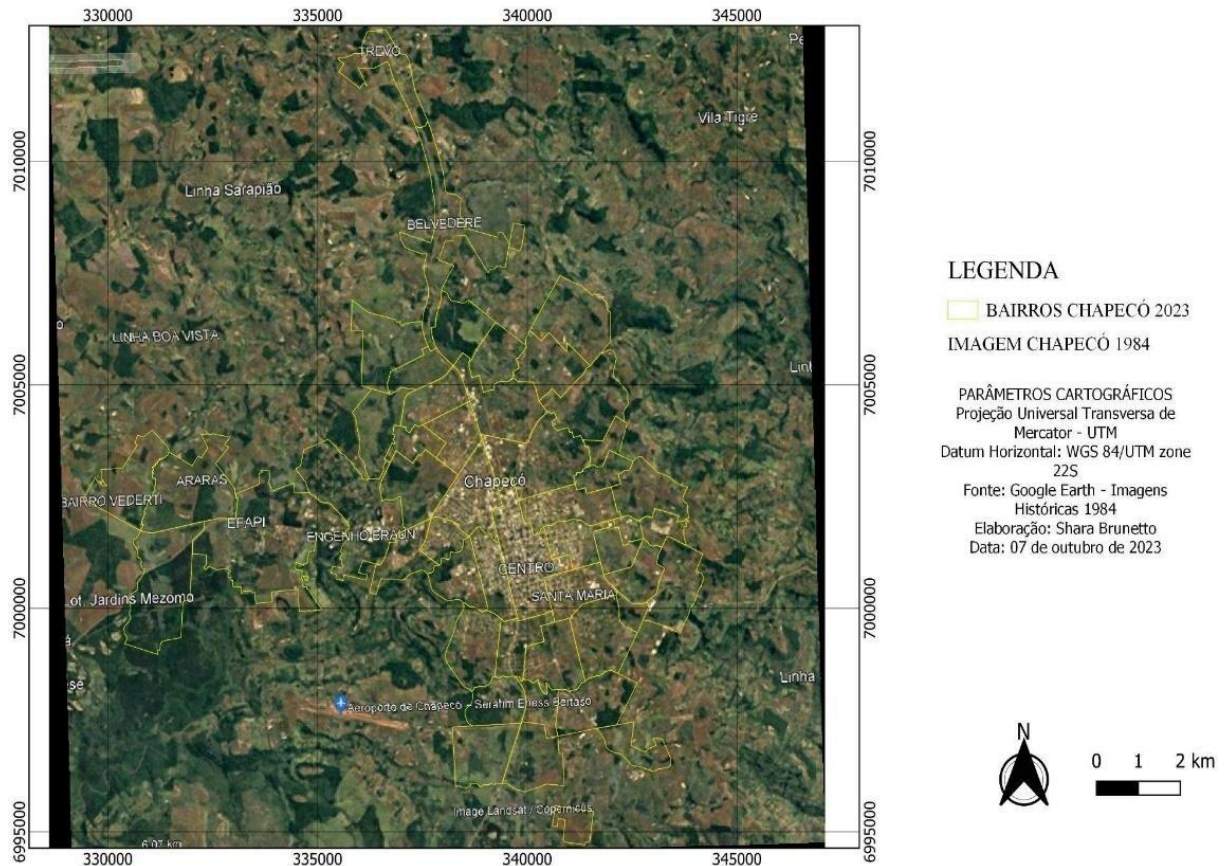
A fim de melhor compreensão, as imagens foram escolhidas respeitando duas décadas de intervalo para fins visuais de melhor diferenciação. Entretanto, em conjunto com os mapas de imagens históricas, é importante identificar os bairros que foram se estabelecendo. À vista disso, para melhor compreender a expansão da área urbana de Chapecó, é necessário observar a localização dos bairros, por isso, o Mapa 2, disponibilizado pela prefeitura, nos ajuda a identificá-los, organizar e direcionar a análise com conjunto de mapas em sequência. Além de serem importantes para a identificação e localização das áreas de agricultura, contribuem, em conjunto com outros mapas, para a análise do objeto desta pesquisa.

O Mapa 3 demonstra as expansões para as áreas a oeste, em que se encontra atualmente a BRF (antiga Sadia) uma importante agroindústria, também pequenas expansões em direção ao norte e ao sul da cidade, mas a maior densidade está fortemente localizada não redor do centro da cidade. Entretanto, para organizar o espaço urbano e atender às demandas nacionais, Chapecó desenvolve o seu primeiro plano diretor em 1974, ou seja, dez anos antes da imagem demonstrada no Mapa 3. Pode-se observar essa tentativa de controlar as transformações urbanas, porém aliadas ao planejamento econômico do território, isto é, observando o escoamento e distribuição das atividades industriais. Contudo, deixou-se em segundo plano o planejamento social, ou seja, a localização de moradias para que os trabalhadores tenham acesso aos serviços disponibilizados ou melhor qualidade de vida. Quando falamos de moradia, é possível identificar que ela tem estado muito associada às agroindústrias e a sua localização, como é o caso do bairro Efapi. À medida que as pessoas foram migrando para a cidade e passaram a trabalhar nas atividades ligadas às agroindústrias, muitas foram morar no bairro por conta dos preços e da localização, sendo evidente quando comparamos os três mapas e observamos o crescimento deste bairro.

Chapecó teve durante sua história, quatro planos urbanos: Plano de Desenvolvimento Urbano de 1974, Plano Diretor Físico-Territorial de 1990, Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial de 2004 e Plano Diretor de 2014. Os três primeiros foram realizados em períodos bastante significativos, pois marcam momentos do planejamento urbano brasileiro que tiveram seu ápice nos Planos Diretores para resolver os problemas urbanos, além de, localmente, corresponderem a momentos de significativas transformações urbanas, graças ao acelerado crescimento populacional devido à atratividade das agroindústrias sobre os trabalhadores migrantes do campo e das cidades vizinhas, e de um intenso crescimento econômico (Reche, 2015, p. 42-43).

Ademais, na década de 1980, os moradores do município já eram em sua maioria moradores da cidade e ela já desempenhava um papel importante na região, sendo almejada como destino da população do oeste de Santa Catarina principalmente, mas também de outros lugares e não somente como lócus do processo de êxodo rural, mas sim como símbolo do desenvolvimento agrícola, industrial e urbano.

Mapa 3 - Mancha urbana de Chapecó em 1984

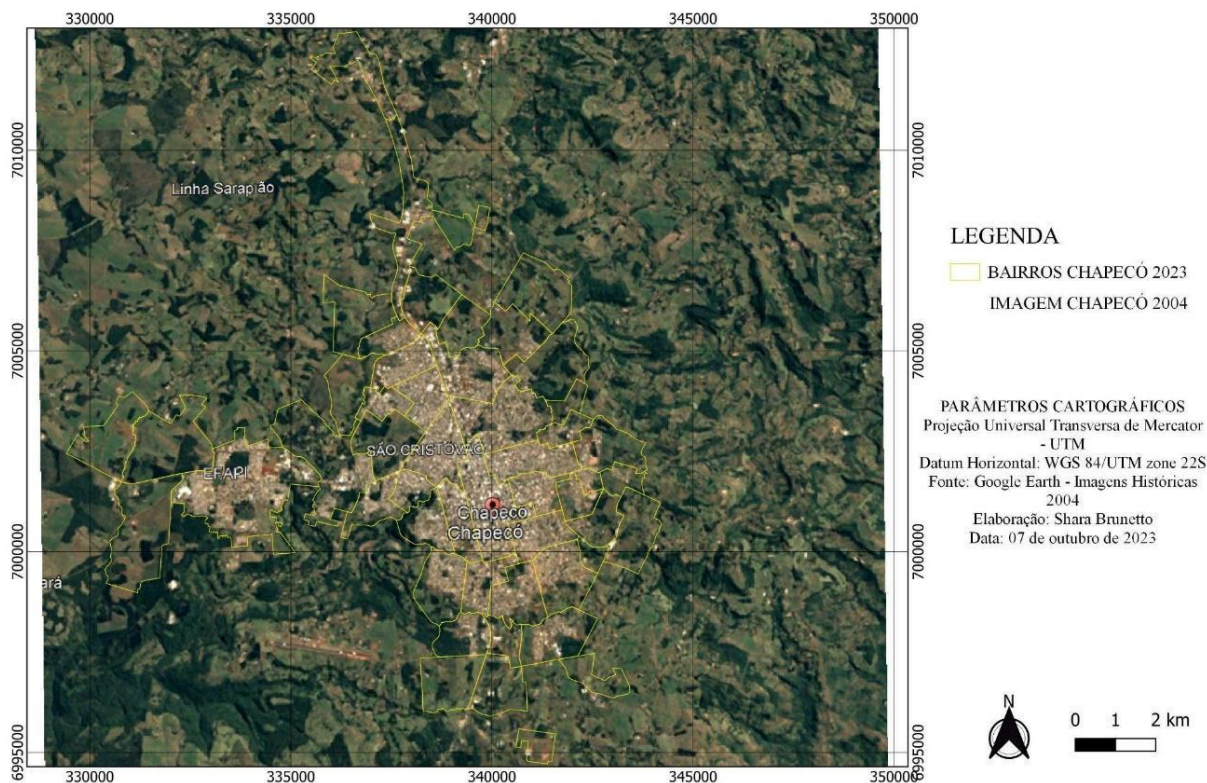


Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quando comparado os mapas 3 e 4, é possível visualizar o aumento drástico da mancha urbana de Chapecó em vinte anos, demonstrando que o aumento populacional não para na década de 1980, pois a cidade continua sendo um polo de atração tanto para pessoas do campo como para moradores de cidades vizinhas, além de evidenciar a expansão em todas as direções. Em especial, chama-se a atenção para o bairro Efapi (oeste), que é antecedido pela BRF, mas também é onde se localiza a Unochapecó (Universidade Comunitária da Região de Chapecó) e, da mesma forma, uma unidade de abatedouro da Cooperativa Aurora Alimentos⁴.

⁴ O mapa 4 demonstra a localização das unidades produtivas, sendo possível visualizar a distribuição das unidades da Cooperativa Aurora Alimentos, da mesma forma que a Unochapecó e a unidade da BRF.

Mapa 4 – Mancha urbana de Chapecó em 2004



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O mapa 3 demonstra, portanto, o alargamento da malha urbana, da mesma maneira que é possível identificar as áreas de crescimento correlacionadas com as agroindústrias. O Mapa 5 demonstra a distribuição das sete principais agroindústrias de Chapecó e, se refletirmos sobre a direção do crescimento, podemos perceber que, em alguns aspectos, elas são compatíveis.

A região caracteriza-se por sua forte indústria agroalimentar, alicerçada historicamente em unidades familiares de produção, tendo constituído, em apenas em cinco décadas, o maior pólo agroindustrial de aves e suínos do país (Epagri, 2001, p. 32).

A região oeste de Santa Catarina tem como característica pequenas propriedades agrícolas e familiares e inúmeras pequenas cidades, o que proporciona uma relação cidade-campo diferente de outras regiões do Brasil, portanto, a organização das propriedades também tem suas particularidade, com o processo de modernização do campo, muitas famílias aderiram ao modelo de integração com as agroindústrias, com o aumento da produção de aves e suínos e por meio das plantações agrícolas para produção de soja e milho que servem como alimentos para essas atividades, sendo muito importante para o desenvolvimento desse setor industrial de Chapecó e também para o desenvolvimento da cidade, já que ocorre um aumento da população

e conseqüentemente o aumento de trabalhadores para as atividades industriais, deixando evidente essa relação entre o campo e a cidade que ainda é marcante na região,

Última região a ser colonizada, o Oeste de Santa Catarina é uma das regiões mais dinâmicas economicamente no Brasil, com destaque para a área agroindustrial, referência nacional no setor, devido à origem de grandes grupos de capital local (Sadia, Perdigão, Aurora, Seara). Esta atividade atua nos ramos de carnes (aves, suínos), grãos (trigo, soja, milho), fumo e laticínios (Souza; Bastos, 2011, p. 11).

O processo de colonização promovido pelas empresas colonizadoras no oeste de Santa Catarina seguiu os padrões desenvolvidos no Rio Grande do Sul, que consistiu em pequenas propriedades de 25 a 30 hectares, cuja evolução inicial deveu-se à extração de madeira e de erva-mate. Esse processo de colonização, garantiu que a região fosse formada por pequenas propriedades que se caracterizam por produção familiar e que posteriormente sua produção de excedentes agrícolas construiria um mercado regional de que começou a sobressair a suinocultura, logo destinada ao abastecimento de metrópoles nacionais (Konrad; Silva, 2012).

Essa característica da pequena propriedade e produção familiar, bem como a integração dessas propriedades às agroindústrias, trouxe para a região oeste de Santa Catarina uma singularidade única no Brasil que possibilitou a construção de um polo agroindustrial consolidado. No entanto, como afirma Konrad e Silva (2012) a agricultura familiar demonstra uma grande capacidade de adaptação que vai além das atividades agroindustriais tradicionais, como a produção de leite, entre outras atividades.

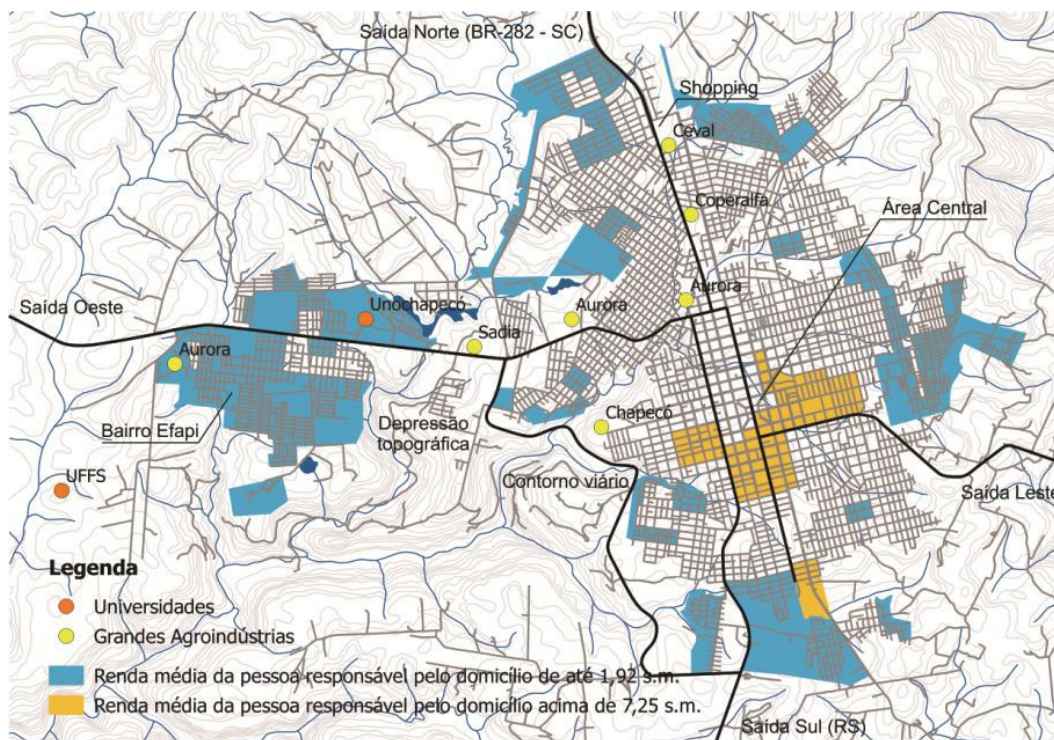
As agroindústrias em Chapecó podem ser consideradas o principal agente econômico de desenvolvimento do município e de boa parte da região Oeste de Santa Catarina. Elas formaram um sistema hegemônico regional de produção, determinando a estrutura urbana e principalmente rural, com o objetivo de garantir o seu funcionamento e atender à demanda por elas criadas (Alba, 2001, p. 302).

Entretanto, como vimos anteriormente, e retomando aqui Lefebvre (2001), após a revolução industrial, a cidade passa a utilizar o campo para atender a suas demandas, havendo uma expansão da agricultura capitalista. É nesse contexto que a relação cidade-campo vem sendo produzida.

O campo e a cidade estão cada vez mais conectados pela expansão e o aumento da produção agrícola, proporcionados pela modernização dos meios de produção e pelas inovações tecnológicas produzidos no contexto das indústrias. Por outro lado, a cidade testemunha um crescimento nunca visto antes e uma expansão de sua malha urbana.

Ao analisarem-se questões referentes à expansão urbana, percebe-se que as políticas públicas ao longo dos anos não vêm promovendo de fato a integração entre os diferentes espaços que compõem o território nacional. O elemento mais visível neste processo é a segregação socioespacial a que está submetida a população com menores condições financeiras (Cancelier, et.al., 2015, p.718).

Mapa 5 - Distribuição da população por extremos de renda em 2010⁵ (salário mínimo = R\$510,00) e localização agroindustrial



Fonte: Reche (2015, p. 44).

De acordo com Gois *et al.* (2018), a expansão da malha urbana, principalmente por meio de novos loteamentos residenciais implantados em terras que anteriormente eram destinadas à pecuária e à agricultura, em especial a familiar, provoca uma série de consequências, como a supervalorização do metro quadrado, o que altera a função socioeconômica do lugar e resulta em uma pressão sobre a população local, forçando a migração e o abandono da atividade agrícola. Os autores, na análise, se referiam à cidade de Alfenas no estado de Minas Gerais, entretanto muitas cidades médias no Brasil passam pelo mesmo processo, inclusive Chapecó, caracterizada como uma cidade média em expansão e que teve um crescimento expressivo nas últimas décadas, em particular na última, quando a população teve um incremento de aproximadamente 70 mil habitantes.

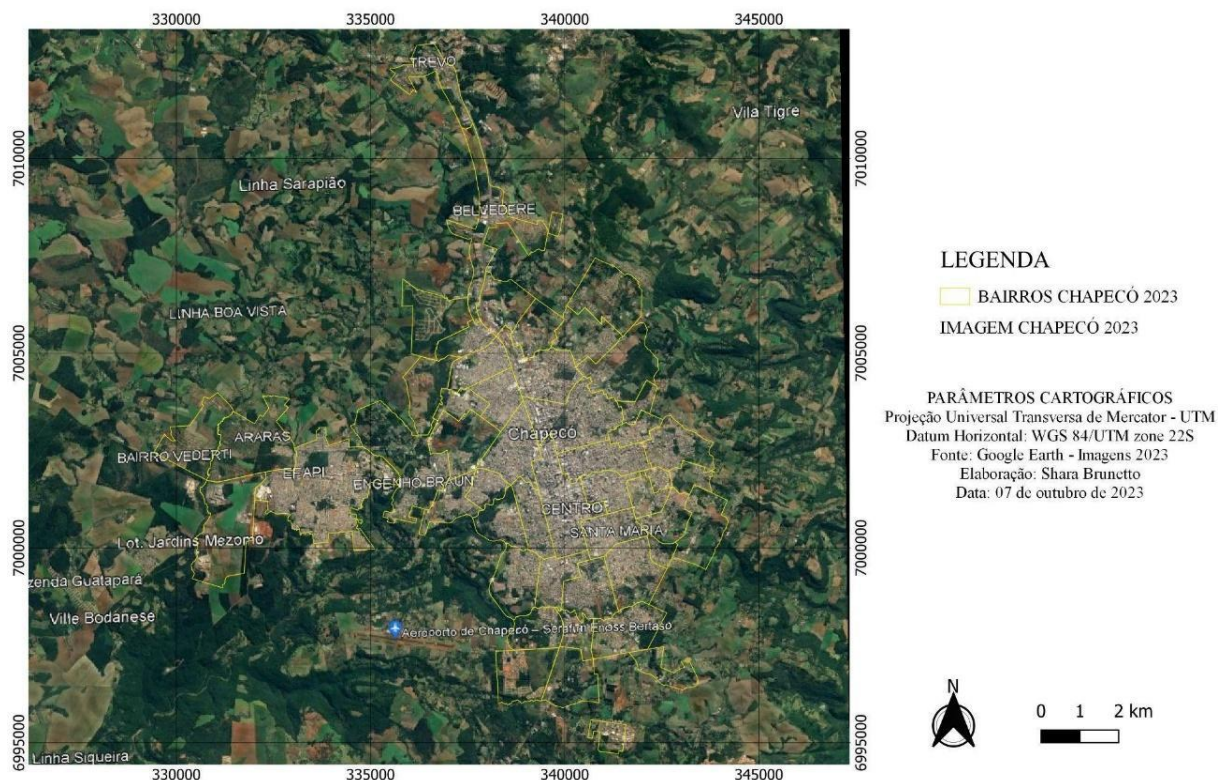
⁵ Ainda não há dados disponibilizados pelo IBGE sobre esse tema para 2022.

Houve, então, um acelerado crescimento populacional que não foi todo absorvido pela oferta de emprego nas indústrias, dando origem aos problemas sociais presentes no município até hoje, principalmente relacionados à habitação e a ocupação das periferias da cidade (descoladas da malha urbana) em áreas ao redor das agroindústrias (a oeste da cidade), por trabalhadores com baixa renda (Reche, 2015, p. 44).

À medida que surgem novos elementos socioeconômicos e espaciais e Chapecó passa a dar prosseguimento na sua estruturação como um centro regional, como já foi mencionado, ela vai ampliando, cada vez mais, sua mancha urbana. Nessa perspectiva, em certa medida os loteamentos vão direcionando esse crescimento, enquanto a especulação e a supervalorização de algumas áreas forçam a mudança para outras partes da cidade, a produção do espaço urbano mesmo tendo algum nível de planejamento, não é algo estático ou totalmente planejado, pois as pessoas tem papel ativo na construção, desenvolvendo práticas, produzindo os espaços de acordo com suas possibilidades encontradas para sobreviver.

No Mapa 6, é possível identificar uma intensificação do crescimento da mancha urbana, em particular com a criação de três bairros (Araras, Vederti e Fronteira Sul) na zona oeste assim como a implantação de loteamentos no município vizinho de Guatambu nos limites municipais com Chapecó, oróximos à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Mapa 6 - Mancha urbana de Chapecó em 2023



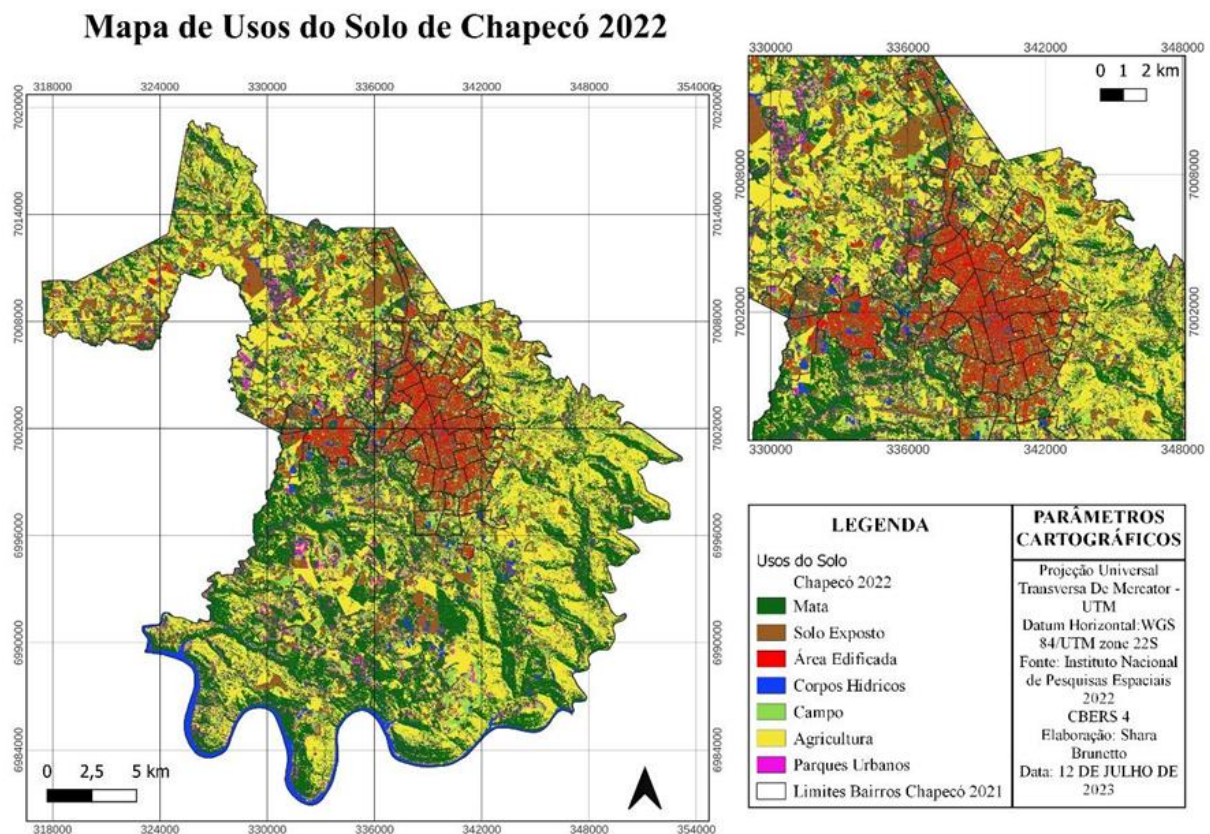
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Chapecó é uma cidade em um país emergente que cresce e se desenvolve dentro de novo panorama internacional, em que as atividades essenciais como fontes de energia, máquinas industriais e agrícolas, entre outras, já estavam presentes no contexto da sua industrialização e urbanização. Esses são elementos importantes para favorecer o desenvolvimento do campo e da cidade, bem como a aceleração da industrialização e consequentemente da urbanização. Outro fator que contribui nesse processo é a promoção e expansão de rodovias para o interior do país que beneficiaram o crescimento e escoamento da produção.

A expansão dos sistemas de transportes levou à ocupação das áreas litorâneas e interioranas, estruturando as cidades existentes, criando novas cidades, atraindo investimentos em novas atividades produtivas industriais, agrícolas e agroindustriais, e também dinamizando as atividades comerciais. Os investimentos realizados nas melhorias da infraestrutura de transportes facilitaram o escoamento da produção das diversas áreas produtoras brasileiras até os mercados consumidores nacionais e internacionais (Pereira; Lessa, 2011, p. 26).

Com a finalidade de demonstrar os usos do solo, bem como, a relevância de algumas práticas desenvolvidas no município, o Mapa 7 apresenta, por meio de uma escala maior, os tipos de atividades agrícolas e a localização da malha urbana, mas principalmente foi produzido como o objetivo de contemplação dessa confluência entre o campo e a cidade, em particular em certas áreas próximas da cidade e mesmo em áreas fragmentadas do tecido urbano.

Mapa 7 – Usos do solo do município de Chapecó em 2022



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No espaço urbano de Chapecó, é possível visualizar as confluências entre o rural e o urbano, consequência desse processo mais recente de urbanização e da sua relação íntima com o campo. No Mapa 7, é evidente que há áreas agrícolas entremeadas em espaços urbanizados, fruto da permanência da agricultura nos interstícios da produção do espaço urbano.

Uma terceira dimensão espacial de Chapecó, e talvez a mais importante, é a sua relação com o espaço rural. Considera-se mais importante porque foi a reestruturação da produção agrícola que possibilitou a essas empresas se desenvolverem, pois é a produção agrícola a abastecedora de matérias primas para o funcionamento deste ramo de produção. Observa-se no espaço geográfico de Chapecó e região uma relação direta com o rural (Alba, 2001, p. 321).

O processo de integração das propriedades com a agroindústria não foi exclusividade de Chapecó, inclusiva a maioria das propriedades que atendem à demanda da indústria são da região oeste de Santa Catarina, ou seja, dos municípios vizinho e no entorno, o que complexifica a relação com o rural, visto que Chapecó possui agricultores integrados à agroindústria, mas também produz cereais e alimentos, como hortaliças, legumes, verduras e frutas que visam o abastecimento local. Portanto, quando se analisa a agricultura no mapa 7, é necessário o cuidado de identificar qual agricultura e principalmente que produtos ela produz.

A agricultura presente no mapa 7 nos permite afirmar que, mesmo com o desenvolvimento e o crescimento da cidade, ela se faz presente e inclusive se articula com o espaço urbano, visto que ele é fragmentado e cresce em direção a essas áreas utilizadas para a agricultura mesmo não podendo afirmar a suas finalidades ou origens, a agricultura nos interstícios da cidade é visível e conversa muito com o espaço urbano.

Portanto, a relação entre o rural e o urbano é ainda muito marcante, seja no âmbito econômico, por meio das agroindústrias ou da agricultura, seja na sua recente relação com o processo migratório, que impacta social, cultural e politicamente e é uma relação que pode ser observada por inúmeros elementos que se apresentam no espaço urbano e que lembram atividades ou até o modo de vida do campo. Nessa perspectiva, analisar a ligação entre o rural e o urbano em Chapecó contribui para a compreensão da produção do espaço urbano.

De acordo com o Plano Diretor municipal de (2014, Art. 40):

A Macrozona Urbana - MU, corresponde às áreas do território caracterizadas pelo processo de urbanização e transformação das características naturais do território, onde deve ser implantado um modelo de ordenamento que promova a reestruturação e qualificação de bairros, periferias e agrupamentos urbanos, viabilizando a otimização do uso da infraestrutura e dos investimentos públicos e privados através de uma melhor densificação da cidade.

3 AGRICULTURA URBANA

Em concordância com o debate anterior e partindo do estudo sobre o processo de urbanização no Brasil, observam-se inúmeras consequências do avanço desse processo tanto para as pessoas quanto para o meio ambiente. De acordo com Corrêa *et al.* (2020), o desenvolvimento acelerado das cidades, em conjunto com a falta ou inadequação de planejamento, desencadeou uma série de efeitos e crises econômicas, sanitárias e até mesmo relacionadas aos preços e à falta de alimentos, além do desemprego urbano.

Frente a tantas questões que desafiam a vida dos cidadãos e nessa construção de um modo de vida urbano, é necessário falar sobre o direito à cidade. Essa expressão tem sido apropriada de diversas maneiras e por diferentes segmentos da sociedade, entretanto, nesta pesquisa, busca-se trabalhar com o direito à cidade partindo do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, que criou o conceito e o entende como a síntese dos direitos às condições de vida, à educação, à saúde, ao descanso, à habitação, ao trabalho, à cultura, ao lazer; enfim, direitos que não se limitam à própria cidade, mas ultrapassam-na. Como afirma Harvey (2014) ao desenvolver a ideia de Lefebvre, o direito à cidade refere-se muito mais a um direito coletivo que propriamente individual e que está diretamente relacionado com o tipo de pessoas que queremos ser e quais relações sociais buscamos ou, em outras palavras, qual é a sociedade que pretendemos construir.

Portanto, esse conceito se faz presente nesta pesquisa, visto que a agricultura urbana passa por uma reivindicação do espaço urbano como lugar produtivo e que também é uma forma de debater a produção desse espaço, o direito às condições de vida da população urbana e principalmente da classe trabalhadora.

À vista disso, numerosas questões podem ser trazidas para o debate sobre o processo de urbanização, além dos processos de modernização do campo em conjunto com o êxodo rural. Nesse sentido, a agricultura urbana passa a ganhar espaço nos estudos acadêmicos pela sua importância, além do grande número de pessoas que praticam essa atividade. De acordo com o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud, 1996), há cerca de 800 milhões de pessoas que praticam agricultura urbana no mundo.

Portanto, neste capítulo será debatido o processo de surgimento da agricultura urbana, e, de forma breve, a sua configuração para chegar nas definições e debates acadêmicos acerca de seus conceitos. Já antecipo, contudo, que, como outros conceitos dentro da Geografia, não há consenso entre os autores sobre todos os aspectos da agricultura urbana. Isso requer um olhar atento, pois ela não se apresenta de maneira uniforme em todos os lugares. Ademais, neste

capítulo é proposto um debate teórico realizado pela autora para compreender quais características encontramos nos espaços de agricultura urbana realizados em Chapecó, visto seu processo histórico dentro da urbanização, da modernização do campo e da produção do espaço urbano.

Para falar de agricultura urbana, o estudo sobre o surgimento das primeiras cidades é importante por muitos pontos de vista, principalmente para pensar o surgimento da própria agricultura. De acordo com Boukharaeva *et al.* (2005), a agricultura urbana sempre existiu, porém, durante muito tempo esse fato foi negligenciado e ignorado pela história, mas quando se estudam o funcionamento e a estrutura das cidades é notável, desde o neolítico, essa estreita relação entre o que hoje se denomina urbano e rural.

De acordo com Soja (2008), a primeira revolução urbana é marcada pelo desenvolvimento das primeiras cidades, que antecedem o surgimento da escrita e da própria agricultura. O autor apresenta uma narrativa do surgimento e da organização das primeiras cidades que possibilita afirmar o papel significativo das mulheres no surgimento da agricultura. Segundo o autor, por uma questão biológica e de proteção dos primeiros grupos humanos sedentarizados, era mais fácil viver juntos e se abrigar em um determinado local, para tanto era necessário organizar esse local, bem como dividir as tarefas, que era baseada na idade e nos ciclos reprodutivos e a mulher representava a fertilidade, a vida, portanto deveria ficar em segurança. Por essa razão, as mulheres passam a observar o desenvolvimento das plantas, da vegetação e a compreender o princípio base da agricultura, que na época passa a ser praticada em conjunto com outras atividades na cidade.

Portanto, a agricultura estava intimamente relacionada com cidade e, de acordo com Silva (2014), em diversos momentos da história busca-se uma reconciliação com o meio natural, seja por meio da noção de jardim, seja pela presença constante da agricultura, mas a sociedade industrial rompe com a noção de jardim comestível e passa a se preocupar com a organização do espaço, principalmente o espaço urbano.

Ao longo do tempo, a organização das cidades, a sua densidade, compacidade e as próprias relações foram ficando cada vez mais complexas, inclusive a relação entre o espaço considerado urbano e aquele considerado rural, devido a inúmeros fatores, como o processo de urbanização e o desenvolvimento do capitalismo através da tecnologia, por exemplo. Mesmo o campo e a cidade tendo passado por esse movimento de transformação em vários aspectos, a agricultura urbana nos permite pensar nessa relação entre as ruralidades e as urbanidades, bem como outras questões, por exemplo: o que é urbano? O que é rural? E como a relação entre o rural e o urbano está sendo estudada nessa confluência entre os espaços muitas vezes

considerados antagônicos. Por isso, é importante olhar para as cidades do neolítico e para a história do campo e da cidade para compreender que, em dado momento, essa relação é mais próxima e, em outros, mais distante.

A AU [agricultura urbana] com suas engrenagens permite a realização de fluxos que mostram, também, intensas relações entre o espaço rural e a cidade, uma vez que a cidade não deixa de ser um lugar que, embora pareça o mesmo, assume funções diferentes a cada vez que as situações mudam (Ferreira; Castilho, 2007, p. 8).

Pois bem, qual é a definição de agricultura urbana? Segundo Mougeot (2000), muito se fala de agricultura urbana, mas para defini-la é preciso passar pela engrenagem. Isto significa conhecer outros conceitos e detalhar mais essa atividade para que se possa dizer de qual agricultura urbana estamos falando. Nessa perspectiva, o autor detalha as seis determinantes principais, sendo o tipo de atividade econômica (1) o mais elementar, visto que, em suma maioria, os autores pensam na parte econômica desse tipo de agricultura, no seu processamento, na comercialização, entre outros aspectos voltados ao mercado. Mas é importante ponderar outras perspectivas para se chegar em uma definição, como a localização dessa atividade (2) que é comumente praticada nas cidades e em seus arredores, portanto urbana ou periurbana. Outro aspecto que contribui para a definição é o tipo de área onde é praticada a atividade (3), ou seja, se é dentro ou fora do lote onde a pessoa que produz reside, se é em área construída ou em terreno baldio, aspectos relacionados à posse dessa área, entre outros fatores. Também é importante observar a escala de produção (4), pois, apesar de todas as escalas serem válidas, ela nos ajuda a compreender as relações estabelecidas por meio da agricultura urbana. Em conjunto com a escala vêm os dois últimos aspectos que são os tipos de produtos (5) e a sua destinação (6), ambas correlacionadas. Mougeot (2000) evidencia essa engrenagem que é a agricultura urbana, ou seja, ela não é um ato isolado, já que, em determinados momentos, perpassa por alguns desses mecanismos, em outro momento por outros.

A prática de agricultura urbana não é um ato isolado; ela vem de um contexto histórico e vai se recriando a partir das condições presentes no presente momento. Muitas vezes, a relação com essa prática começa por questões financeiras, porém, para outros, por ter uma área disponível. Há casos em que pode estar vinculada a projetos sociais, como escolas, postos de saúde, centros comunitários, entre outros. Ela pode ser para consumo ou comercialização, ou seja, ela não se apresenta da mesma forma em todos os lugares, pelo contrário, os motivos que levam essa prática – como o local, o sentido, o consumo – têm suas particularidades, mas

todas elas conversam com o espaço urbano, fazem parte dele, existindo no âmbito do seu processo de produção.

Não é a localização, urbana, que distingue a AU [agricultura urbana] da agricultura rural, e sim o fato de que ela está integrada e interage com o ecossistema urbano. Essa integração com o ecossistema urbano não é captada na maioria das definições do conceito de AU, e menos ainda é desenvolvida em termos operacionais. Ainda que a natureza das concentrações urbanas e de seus sistemas de abastecimento de alimentos tenha mudado, a necessidade de a AU de interagir adequadamente com o resto da cidade, por um lado, e com a produção rural e as importações, por outro, continua sendo tão decisiva hoje como era há milhares de anos (Mougeot, 2000, p. 11).

Nesse sentido, para identificar esses espaços em que são realizadas essas práticas agrícolas e a forma como as pessoas se apropriam da cidade por meio delas, é necessário entender o que é agricultura urbana dentro da miríade de formas espaciais de produção existentes. Desse modo, para Zaar (2011), a agricultura urbana é entendida como práticas agrícolas em pequenas áreas realizadas dentro do perímetro urbano, utilizadas para a produção de hortaliças, pomares e até a criação de pequenos animais domésticos. São realizadas principalmente em terrenos baldios, pátios e terraços. Essas áreas são cultivadas por pessoas que vivem e trabalham nas cidades.

Silva (2014), por meio de uma reflexão histórica da agricultura urbana, demonstra que, desde os anos de 1980, essa prática tem ganhado espaço e novas configurações, muito relacionado com o momento histórico e as crises do capitalismo. As hortas urbanas passam a ganhar importância, por exemplo, nos temas de alimentação saudável, segurança alimentar, qualidade de vida, entre outros.

Identificam-se diferentes funções da agricultura urbana, uma vez que diversos atores se relacionam com ela. Destacam-se aqueles que a desempenham para fins de obtenção de renda, integrando diferentes mercados e em distintos modelos de produção; e aqueles cidadãos que a desempenham em diferentes tipos de jardins e hortas, individualmente ou em grupo, e que, apesar de terem diferentes motivações, o destino principal da produção final não é a comercialização para fins de obtenção de renda (Nagib, 2016, p. 47).

Em um mundo capitalista, em que a principal preocupação econômica é o acúmulo de capital e o consumo, assim como as estratégias para produção e escoamento, portanto, voltadas a organizar o território economicamente, preocupar-se com questões sociais é tarefa secundarizada. Consequentemente, as desigualdades se acentuaram tanto na cidade quanto no campo. Padrões sociais e econômicos são impostos muitas vezes de maneiras tão sutis que nem é possível perceber se você não estiver atento aos detalhes. Essa lógica tem aprofundado

a diferença entre os que possuem dinheiro e status e os que estão postos à margem da sociedade.

Nessa perspectiva, as formas contemporâneas de desigualdade tomam proporções complexas, visto que o mundo nunca tinha passado por tantas transformações que impactam de forma direta a vida das pessoas tanto no campo quanto na cidade. Mas que transformações são essas que impactam nossas vidas? No capítulo anterior, foram abordadas algumas delas, começando com o processo de industrialização do nosso país, passando pela urbanização – visto que, nunca na história mundial, a maior parte da população residia em cidades –, que caminhou em conjunto com a modernização do campo e que produziu uma grande massa migratória de pessoas saindo do campo, buscando liberdade, desenvolvimento e, por conseguinte, melhores condições de vida nas cidades. Isso tem resultado em superpopulação, falta de habitações, de transporte, de acesso à saúde e à educação, desemprego, fome, entre muitas outras situações que as pessoas passaram a enfrentar, em particular nas cidades, principalmente nas metrópoles.

É importante olhar para essa relação cidade-campo, já que as pessoas carregam saberes, heranças, hábitos de uma vida no campo e em comunidade, mesmo quando passam a morar na cidade, e essa cidade pode carregar essas ruralidades mesmo passando por processos de reestruturação urbana. Estabelecer relações com as redes globais, tornar-se uma cidade relativamente importante na hierarquia urbana, lidar com o aumento do seu contingente populacional, enfim, ainda assim a cidade carrega aspectos, traços, heranças de suas origens e da cultura de seu povo, inclusive as de origem rural.

As transformações urbanas ocorridas em cidades médias, como Chapecó, especialmente nos últimos anos, estão diretamente relacionadas a um processo de reestruturação urbana (Soja, 1993), atendendo às lógicas do modo de produção capitalista e de consumo da sociedade urbana (Lefebvre, 1999). Muitas pessoas foram forçadas ou incentivadas a abandonar o campo, mas elas podem frequentemente possuir uma ligação forte com a vida rural, como Keschner (2023) observou ao analisar os centros comunitários do bairro Efapi, visto que ela demonstra a relação entre o rural e o urbano por meio dos espaços de sociabilidade, ou seja, os centros comunitários que remetem ao espaço rural de onde as pessoas vieram, sendo uma importante ferramenta para a sociabilidade dos bairros periféricos.

Nessa perspectiva, olhando para a relação urbano-rural, é factível encontrar pelos bairros de Chapecó muitos terrenos sendo utilizados para plantação de hortaliças, feijão, mandioca, milho, entre outras culturas, até criação de pequenos animais, mas também áreas

de agricultura nos interstícios dos novos loteamentos na periferia da cidade, que preexistiam à sua expansão e acabaram rodeadas de residências e infraestruturas urbanas.

Tratando da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Alencar, Ornelas e Costa (2020, p. 293) afirmam:

Vale ressaltar que a agricultura não se articula apenas com os modos de vida do rural, ou seja, não se limita à presença de ruralidades no meio urbano da RMBH. Podemos perceber nas hortas comunitárias, em instituições (como escolas, centros de saúde, presídios, em espaços de ONGs, dentre outros), nos parques, nas praças, nos canteiros centrais das avenidas, nas ocupações urbanas, dentre outros espaços, que a prática agrícola não configura apenas um resquício do rural no urbano. Além disso, essas práticas também estão carregadas dos modos de vida urbano, pois muitas têm como pauta a apropriação da cidade para além de iniciativas privadas, outras formas baseadas no trabalho comunitário e solidários, que aproximam as noções de urbanidade e de ruralidade.

A medida em que a cidade passa a desenvolver uma vida urbana mais complexa, outros motivos, além das ruralidades, podem ser encontrados nas explicações que levam a praticar a agricultura urbana, em muitos casos a oportunidade de desenvolver essa atividade ou a necessidade em meio a uma crise, por meio de ações coletivas, entre muitas outras razões que levam as pessoas a buscar a agricultura urbana como uma prática frequente em seu dia-a-dia.

A vida urbana tem historicamente proporcionado aos seres humanos o acesso às modernidades, tecnologias e inovações, mas, por outro lado, ela revela uma grande massa de pessoas com dificuldades de obter o básico, que é a alimentação, em particular em países da periferia capitalista. Para buscar alternativas, muitas comunidades e pessoas procuram ocupar e se apropriar dos espaços com pequenas plantações como hortas, pomares, criação de animais, como forma de sanar a escassez desses produtos e auxiliar na alimentação da comunidade ou mesmo como fonte de renda.

Paisagens e práticas socioespaciais que, combinadas e cada vez mais superpostas, expõem como as suas rugosidades ou permanências são transformadas ou adaptadas às novas funções que os territórios adquirem em sua dimensão temporal e que, nos casos analisados, possuem um papel relevante no sistema agroalimentar urbano. Entre as suas incumbências estão a soberania alimentar, através do fortalecimento dos sistemas alimentares alternativos, a manutenção da biodiversidade dos sistemas naturais e do patrimônio paisagístico, além da contenção, em seu âmago, de expectativas que fortalecem os saberes tradicionais e os vínculos urbano-rurais (Maia; Zaar, 2021, p. 41).

Nos últimos anos o debate sobre a importância da segurança alimentar vem se destacando e a agricultura urbana tem sido considerada nessa discussão, particularmente como alternativa para implementação e ampliação da renda familiar. De acordo com Alencar, Ornelas e Costa (2020), é necessário pensar em um planejamento urbano associado a uma agricultura urbana, principalmente familiar e agroecológica, da mesma forma que é possível desenvolver um debate em torno da produção do espaço de forma sustentável e ainda como alternativa para a erradicação da pobreza.

Argumentamos neste texto que apenas recentemente a agricultura urbana vem ganhando visibilidade e sendo inserida na agenda das políticas públicas e das agências multilaterais de financiamento, em função de sua potencialidade para articular vários temas importantes para tais agendas. As práticas de agricultura urbana possibilitam o debate político sobre questões como: 1) a questão ambiental nas cidades; 2) a (in)segurança alimentar; e 3) o entrave do acesso à terra e a segregação socioespacial. (Coutinho; Costa, 2011, p. 82).

De acordo com o relatório realizado pelo Instituto Escolhas (2022), a produção de alimentos para atender às demandas urbanas viabiliza o debate acerca do planejamento regional clássico, visto que sempre foram colocados como opostos em inúmeros aspectos, porém atualmente questiona-se essa dicotomia, sendo então parte de um gradiente e de uma multifuncionalidade do uso do solo, e o antagonismo, que em momentos anteriores estava mais evidente, hoje abre um leque de semelhanças em vários pontos de vista.

Devido à importância do debate sobre alimentação, além de um desenvolvimento acadêmico acerca dessa temática, principalmente relacionado com a produção de hortas e jardins verticais, existe hoje uma preocupação institucional do governo brasileiro em promover e garantir que essa prática se desenvolva com maior intensidade. No site do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (2023) aparece a seguinte notícia:

Uma nova fase para as políticas de agricultura urbana e periurbana no Brasil. Foi publicado nesta quarta-feira (13) o Decreto nº 11.700 de 2023, que cria o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana. Entre os objetivos, estão a promoção da agricultura sustentável nas áreas urbanas e nas regiões periurbanas, o acesso à alimentação saudável e a garantia da segurança alimentar e nutricional da população urbana; a preservação do meio ambiente e a transição agroecológica, a inclusão socioeconômica das famílias de agricultores urbanos e a atuação das mulheres e jovens na agricultura urbana e periurbana⁶.

⁶ O programa do Governo Federal foi lançado recentemente e ainda não tem dados concretos para serem analisados. No entanto, o lançamento do programa já evidencia a importância que a agricultura urbana tem.

As políticas públicas de incentivo à agricultura urbana são de extrema relevância na atualidade, já que a maioria da população brasileira vive no meio urbano e com baixa renda. Essa agricultura pode auxiliar no desenvolvimento econômico local, além de promover uma alimentação saudável e contribuir para melhoria e ampliação de renda. “As atividades de agricultura urbana são importantes ferramentas estratégicas para prover às populações urbanas pobres seu auto-sustento, tornando-se instrumentos para suprir as carências alimentares” (Machado; Machado, 2002, p. 18).

Para que a agricultura urbana tenha êxito, é necessário o envolvimento dos agricultores no debate e planejamento, pois, quando isso ocorre, eles se sentem com envolvimento participativo e conseguem se organizar para poder ampliar as práticas, principalmente quando essas são coletivas.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (2023), a promoção de políticas públicas voltadas para os agricultores urbanos tem como objetivo o combate à fome e a promoção de políticas de crédito, assistência técnica, cooperativismo, entre outras políticas públicas. Em princípio, esse movimento por parte do governo brasileiro ressalta a importância desse debate com a sociedade sobre essa prática que vem crescendo, não somente no Brasil, mas em outras regiões do mundo.

A agricultura urbana também pode ser praticada nos espaços públicos institucionais, como escolas, postos de saúde ou penitenciárias, buscando fomentar essa relação entre o urbano e o rural, além de questões ambientais e de sustentabilidade. De acordo com Boukharaeva (2005, p. 416):

Embora o relatório do Pnud [Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento] apresente, como agricultura urbana, basicamente as atividades de profissionais de agricultura e de agroindústrias nacionais ou internacionais, ele dedica atenção particular à produção familiar em tempo parcial. Procura, portanto, identificar as relações que os cidadãos mantêm com a natureza, particularmente a parte da agricultura urbana que envolve atividades de produção vegetal (produção alimentar, floral e medicinal dos jardins, canteiros e estufas) e certas produções animais (apicultura, piscicultura, criação de animais domésticos e selvagens para alimentação e/ou produção de peles).

À vista disso, pensar na relação da agricultura urbana com a sociedade e os motivos que levam ao aumento dessa prática, bem como a sua contribuição ambiental e social, é riquíssimo para o debate sobre a construção da sociedade com mais equidade e, nessa direção, sobre a construção do direito à cidade.

A função da agricultura urbana mais estudada atualmente consiste na contribuição à segurança alimentar das populações. Isso se justifica pelo fato de que metade das pessoas classificadas como as que passam fome (840 milhões, segundo a FAO [Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura]) mora atualmente nas cidades. A análise comparativa histórica permite identificar corretamente essa função (Boukharaeva, 2005, p. 417-418).

A fome ainda é um problema social em todos os continentes, seja pela má distribuição ou pela baixa produção em algumas regiões do mundo. Neste contexto, a agricultura urbana vem se intensificando, principalmente relacionando os setores sociais com os plantios comunitários. Por outro lado, a agricultura urbana também exerce uma função econômica ao auxiliar na renda e na alimentação familiar.

3.1 AGRICULTURA URBANA EM CHAPECÓ

Neste item, pretende-se desenvolver a caracterização da agricultura urbana em Chapecó, por meio das entrevistas e de observações realizadas nos trabalhos de campo, assim como debater a existência de elementos rurais na cidade.

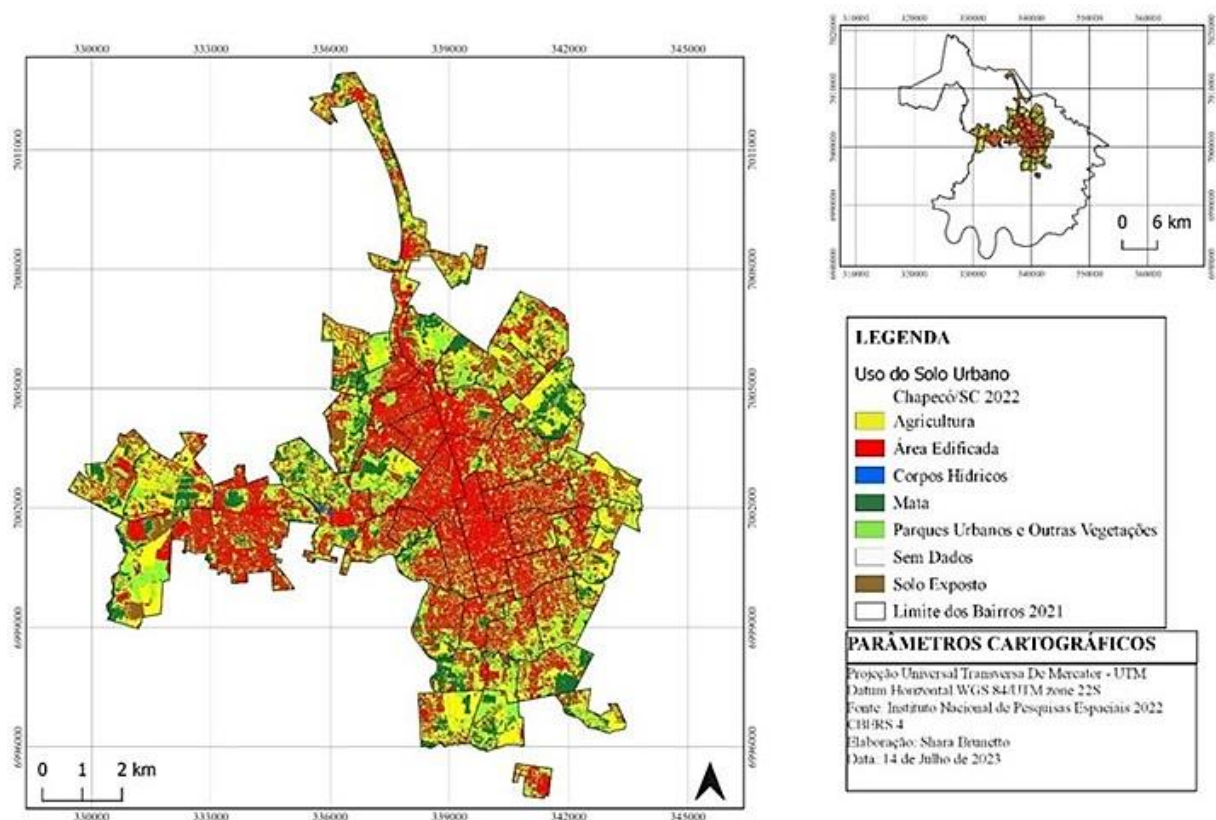
Para compreender a relação cidade-campo, bem como o desenvolvimento da agricultura urbana no contexto chapecoense, é preciso olhar para as transformações ocorridas tanto no campo quanto na cidade, pois o processo de modernização do campo, a expansão das agroindústrias, do mesmo modo que o avanço da urbanização e reestruturação urbana de Chapecó promoveram a expansão da malha urbana em todas as direções, como apontou Farias (2024) ao analisar as áreas periurbanas e constatar que não há um eixo de expansão predominante, portanto, o crescimento urbano de Chapecó avança de maneira irregular para as mais diversas direções.

Para compreender melhor a expansão da ocupação urbana, observe o Mapa 8, que tem como objetivo demonstrar que a criação e consolidação de novos bairros implica em uma expansão da cidade sobre o campo. As áreas em vermelho representam áreas urbanas consolidadas, no entanto chama a atenção as inúmeras áreas amarelas e verdes que demonstram a confluência entre o campo e a cidade.

Partindo desse debate, olhar para a agricultura urbana, quando observamos o contexto geo-histórico de Chapecó, em especial a produção do espaço urbano e o uso da terra (Mapa 8), é possível notar uma grande área que, a partir de imagens aéreas, pode ser identificada como agrícola ou composta por áreas verdes de parques ou vegetações mais densas. É importante destacar que nem tudo pode ser considerado agricultura urbana sem antes serem essas áreas

detalhadas e estudadas individualmente. Entretanto, esse mapa tem o objetivo de demonstrar, numa primeira aproximação, que existem espaços de agricultura que estão localizados no interior da malha urbana, principalmente nos bairros periféricos e algumas dessas áreas fazem parte de um processo de fragmentação do espaço urbano, podendo ser indagadas sobre o seu uso e objetivo, como a especulação fundiária e imobiliária por exemplo.

Mapa 8 –Usos da terra urbana em Chapecó em 2022



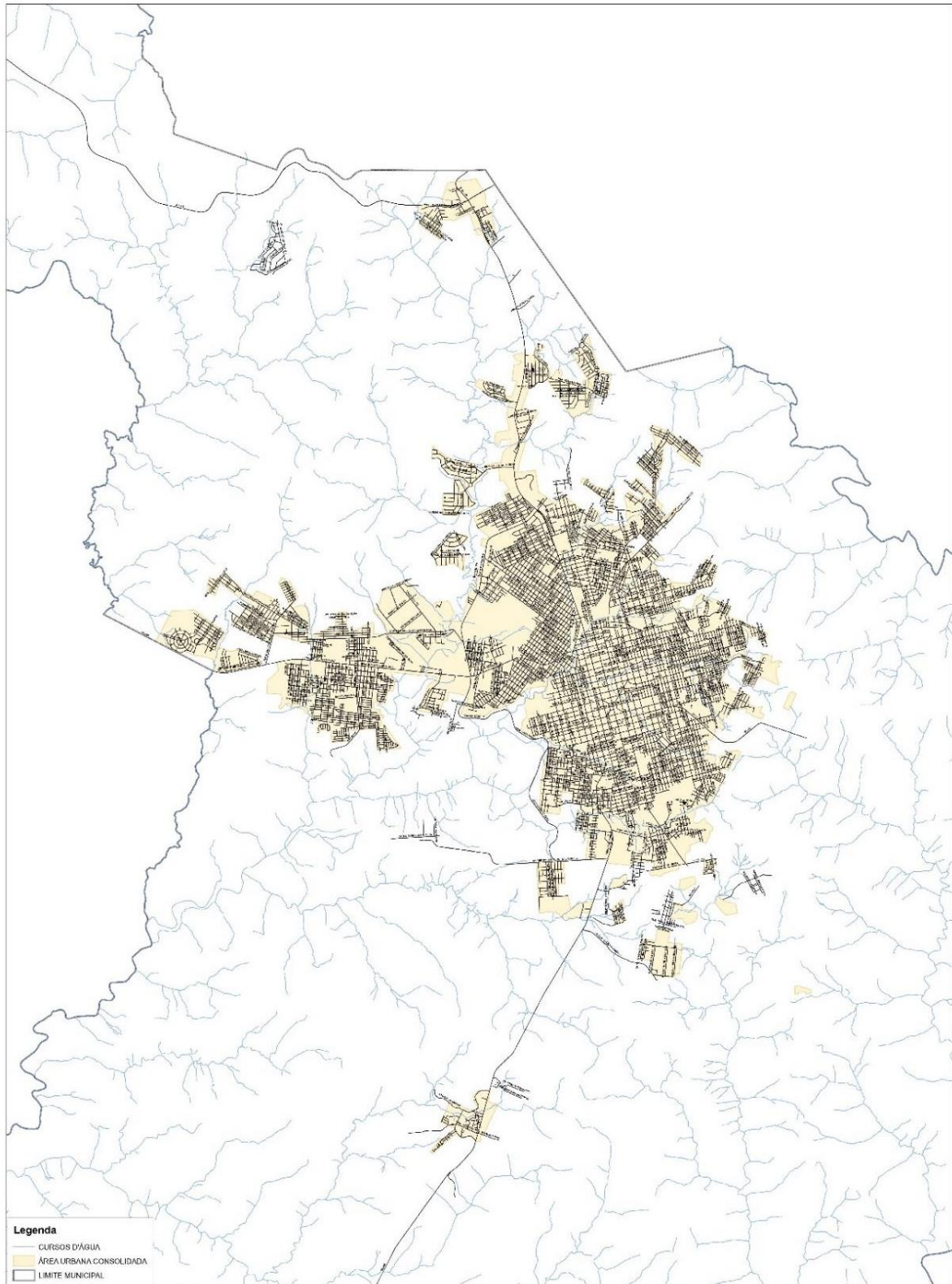
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Pensar a agricultura urbana em Chapecó é, sem dúvida, um desafio, visto que Chapecó é considerada a capital do oeste de Santa Catarina, marcada pela agroindústria alimentícia de transformação de carnes de aves e suínos, sempre demonstrando seu desenvolvimento e modernidade, mas também caracterizada pela presença de diversas áreas de agricultura convencional que estão distribuídas em diferentes bairros e a presença dessas grandes áreas de terra plantada que provocam inquietações na pesquisa e que serão aprofundadas mais adiante. Por ora, essas perguntas levaram à construção dessa pesquisa a um ponto importante que é a categorização dos tipos de agricultura urbana existentes.

Para tanto, é necessário analisar a expansão do espaço urbano de Chapecó. No mapa 8 temos um recorte espacial do perímetro urbano de acordo com os limites dos bairros estabelecidos pelo plano diretor, entretanto nem todos os bairros têm sua área consolidada por meio de residências, comércios, indústrias, loteamentos, entre outros, pois muitos deles estão entre o rural e o urbano, por isso o mapa 9 disponibilizado pela Prefeitura de Chapecó (2023) busca demonstrar as áreas urbanas consolidadas nos limites do que é possível fazê-lo.

Mapa 9 – Área Urbana Consolidada de Chapecó

ANEXO XVII-A DIAGNÓSTICO SÓCIOAMBIENTAL ÁREA URBANA CONSOLIDADA



Fonte: Prefeitura de Chapecó, 2023.

Nessa perspectiva, entre a construção de novos bairros e a consolidação das áreas urbanas, existe uma fragmentação do tecido urbano (Catalão, 2013), além de áreas periurbanas que estão diretamente ligadas a essa relação cidade-campo, que são locais das mais diversas frentes de expansão e crescimento de Chapecó.

A partir dos trabalhos de campo, bem como das observações e entrevistas, foi possível identificar três categorias diferentes de agricultura urbana, sendo a primeira e talvez a mais factível de visualizar aquela que brange as áreas de agricultura destinadas a horticultura que estabelecem um grande cinturão verde que antes estava próximo de certa forma da cidade, mas que, devido ao crescimento urbano de Chapecó, atualmente se encontra nos interstícios dos bairros periféricos da cidade e que estabelecem conexões entre cidade e campo. São inúmeros produtores que se encontram produzindo horticultura dessa forma em várias áreas da cidade e entendemos como agricultura urbana pois são atividades que estabelecem relações diretas com o espaço urbano, além de contribuir para a produção do espaço urbano na perspectiva de conformar espacialidades que complexificam a periferia.

A segunda categoria de agricultura urbana encontrada foi de hortas, plantações e criação de pequenos animais em pequenos terrenos dentro da cidade, sejam eles das próprias pessoas que cultivam ou emprestados, muitas vezes por acordos, ou para manutenção desses terrenos. Entretanto, é muito comum encontrar pessoas que adquiriram terrenos do lado ou até mesmo terrenos maiores com a finalidade de cultivar uma horta, árvores frutíferas, temperos, plantas medicinais e, em alguns casos, até mesmo feijão, mandioca, entre outros produtos. No entanto, a produção nesses terrenos, em sua maioria, é para consumo próprio e o excedente geralmente é distribuído ou em alguns casos comercializado. Porém esse não é o principal objetivo, como ficará mais evidente no decorrer do capítulo.

A terceira categoria corresponde às hortas relacionadas a projetos sociais, como em escolas e postos de saúde. Dois deles se destacam, sendo a horta cultivada pela ONG Verde Vida localizada no bairro São Pedro e a horta que fica a cargo do Penitenciária Agrícola de Chapecó, ambas destinadas a funções sociais e que refletem o olhar chapecoense sobre a relação cidade-campo.

A partir da metodologia de bola de neve ou por abordagens diretas durante os trabalhos de campo, acessamos as pessoas que foram compartilhando locais em que se praticam ruralidades ou agricultura urbana. Nessa perspectiva, produziu-se um box para cada propriedade visitada, com o objetivo de representar essas áreas de agricultura urbana, bem como contextualizar histórica e geograficamente essas propriedades, partindo da nossa proposta

metodológica. Entretanto, só foram produzidos boxes para as hortas em que foram realizadas entrevistas formais, por meio do roteiro de entrevistas que está no Anexo 1. Durante os trabalhos de campo, contudo, outras áreas foram exploradas e será desenvolvido seu contexto nessa pesquisa, mas não foi realizada a construção de um box.

Figura 1 - Box 1 Horta da Linha Caravaggio



Fonte: Produzido pela autora, 2024.

O box 1 corresponde a um propriedade localizada na linha Caravaggio, apesar de a propriedade ser anterior aos bairros e ainda ter seu registro como uma propriedade rural, ela está totalmente inserida no espaço urbano, os bairros Vila Real e Desbravador fazem divisa com a propriedade, sendo que, pelas delimitações oficiais da prefeitura, ela está localizada no bairro Vila Real, inclusive muitos loteamentos novos foram construídos próximos a essa área. Entretanto, não é somente a localização que caracteriza uma propriedade como agricultura urbana, conforme afirma Mougeot (2000), pois, para se diferenciar a agricultura rural da agricultura urbana, é necessário perpassar principalmente por essa integração com o ritmo urbano. Portanto, durante a entrevista, foi possível perceber que o avanço da malha urbana em direção à propriedade trouxe essa mudança de agricultura rural para urbana, pois, de acordo com o entrevistado, antes de os bairros crescerem de forma a abarcar a propriedade, seus familiares: “Tinham lavoura que era junto com o meu avô e os tios, tinha o aviário, tinha chiqueiro de porco, de peru, de frango e fazia lavoura, milho, soja e fumo na época também se plantava fumo”. De acordo com ele, o avô dividiu a propriedade entre os filhos e atualmente somente eles permaneceram, já que os tios venderam as terras para fazer os loteamentos. Outro aspecto apontado por ele durante a entrevista com relação a cidade é essa proximidade e facilidade no acesso, como o supermercado por exemplo:

Antes aqui para nós era o Alberti, era o mercado mais próximo né, hoje está saindo um aqui na esquina que já vão abrir, então tudo é cômodo, né, então se precisar qualquer vai a pé ali, coisa que antes tinha que pensar para ir, a família era grande e só tinha um carro, bem antigamente, e nem era o Alberti, era lá perto do posto do Rigoni, armazém São Pedro, era o primeiro que o pessoal aqui comprava, então você tinha que pensar muito quando você ia, tinha que aproveitar, a chegou em casa faltou uma caixa de fósforo, ficou sem, não vai voltar lá né, então comodismo ele acaba sendo bom, tu se acomoda das coisas, mas é bom.

De acordo com Nagib (2020) em relação à dicotomia entre o urbano e o rural, existe outras maneiras de olhá-la que nem sempre envolvem uma separação absoluta entre ambos, visto que essa relação não é de isolamento e sim de cruzamentos. Existem momentos em que as ruralidades cruzam com as urbanidades, da mesma forma que as urbanidades penetram o campo. Essa relação vai além de uma simples separação e isso é evidente quando você está andando por Chapecó, isto é, a relação entre as ruralidades e urbanidades estão a todo momento se transpassando.

Nessa perspectiva, a agricultura urbana praticada pelos horticultores que estão nessas áreas urbanas ou periurbanas, em cuja vida o trabalho foi se alterando frente à expansão urbana,

bem como noutras práticas, demonstra essa relação entre o rural e o urbano, já abordada em Brunetto (2021) sobre a sociabilidade de jovens do campo no espaço urbano, assim como a relação de proximidade com a cidade desenvolvida por eles.

Nesse entendimento de que a relação cidade-campo não é linear e engessada, defendemos que ela seja entendida como dinâmica e repleta de controvérsias.

O Carlos (horta da Linha Caravaggio) reflete em sua fala diversos momentos em que a produção sofreu alterações por estar no ambiente urbano. De acordo com ele, algumas medidas precisaram ser adaptadas, como o uso de adubos de aviário, que têm que ser imediatamente aplicados por conta do mal cheiro, os cuidados com as lonas para evitar proliferação da dengue, a relação de proximidade, de dia-a-dia com a cidade, das comodidades, além de frequentar espaços para sociabilidade, da relação com a cidade descrita por ele, entretanto a relação com a agricultura, numa certa dinâmica de espaço rural, permanece.

É complicado, eu cuido muito, porque são vizinhos, a gente não tinha todo essa vizinhança, agora você tem que ter uma boa... a gente se dá bem com todo mundo, esses que fazem a divisa com a terra, a gente conversa, mas a gente tem que cuidar um pouco, porque, por exemplo, eu uso muito adubo de aviário, por que é a melhor adubação que tem, a mais fácil, a mais barata, que na vida inteira assim todo mundo usa, mas hoje tem que cuidar, porque eu vou pôr ele aqui, uma vez se não dava pra introduzir na terra dois, três dias ali, uma semana depois, agora não, agora tem que cuidar se eu vou ter tempo de ir lá e colocar ele na terra e já introduzir na terra, para diminuir um pouco o cheiro, porque a pessoa vai sentar para almoçar e o adubo do lado é ruim, né, eu preciso fazer, mas eu entendo que pra quem está morando ali é ruim, né (Carlos, horta da Linha Caravaggio).

À vista disso, as relações estabelecidas vão se alterando, desde colocar o adubo na terra, mas também a relação com os vizinhos, a relação com a cidade, como ir ao mercado, algo que hoje pode parecer simples, até mesmo rápido, em outros momentos é um evento para aquela família, por isso a percepção vai mudando à medida que as relações se alteram.

A relação com a agricultura, de acordo com o Carlos (horta da Linha Caravaggio), vem desde “sempre, desde pequeno, na época trabalhava com aviário e fazia lavoura e daí depois foi iniciado com a horta, mas sempre na agricultura”.

As principais hortaliças produzidas são “alface, tempero, rúcula, agrião, almeirão e couve folha, tem alho poró, tem repolho, tem couve-flor, tem tomate, só que esse não é todo dia, faz um lote depois outro, fica uns dias sem, mas esses principais ali não dá pra ficar sem” (Carlos, horta Linha Caravaggio).

Questionado se a produção é para consumo ou comercialização, ele afirmou que “é o mesmo, o que a gente produz para levar pro mercado é o mesmo que a gente consome, até a

mãe desce ali quando tá tudo colhido e vai lá e pega das caixas e a gente consome o mesmo” (Carlos).

No box 2, temos a caracterização da propriedade localizada no bairro Engenho Braum, a horta também está na família antes da chegada dos bairros, entretanto essa horta já é considerada perímetro urbano, visto que os proprietários passaram a pagar IPTU (Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana).

Localizada a cerca de 1km de distância da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), entretanto, as perspectivas e a integração com o meio urbano se diferem. A propriedade está mais distante das residências do bairro e, para chegar até ela, ainda há uma estrada sem pavimentação, o que pode gerar uma percepção que se assemelha mais ao ambiente rural, contudo, a relação estabelecida com o ambiente urbano é o que a tornam agricultura urbana. O entrevistado relatou essa convivência que foi sendo estabelecida com a cidade: “Olha, a minha relação com a cidade ela é boa e tem que ser boa, pois assim eu dependo da cidade, minha produção vai toda para a cidade, então meus clientes, tenho clientes que vêm aqui comprar, então a relação é boa” (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

A propriedade tem sua economia baseada na comercialização das hortaliças, que são produzidas em estufas, entretanto a horta tem avançado para a produção de morango com alguns canteiros. Além do mais, a produção é familiar e a principal renda da família, sendo que o entrevistado está cursando agronomia para dar continuidade à função da propriedade.

Quando questionado sobre como começou a sua relação com a agricultura, o entrevistado 2 respondeu: “Eu nasci nesse meio, meus pais, meus avós, a gente sempre foi nesse meio, só mudamos assim drasticamente, tinha sempre vaca de leite, aviário e aqui a gente mudou para a horticultura” (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

As hortaliças produzidas são: “Alface, quatro variedades de alface, tempero verde que seria cebola e salsa, couve folha, almeirão, brócolis, e daí tem os morangos também, da parte de fruticultura tem o morango” (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

De acordo com o Eduardo (horta do bairro Engenho Braum), os produtos são para a comercialização, no entanto tudo que é produzido eles também consomem, sendo a venda e a entrega realizadas diariamente, principalmente para supermercados, padarias e restaurantes, além das pessoas que compram no local.

Figura 2 – Box 2 Horta do Bairro Engenho Braum

Horta Bairro Engenho Braum

Propriedade particular;
 Produção de
 Horticultura e
 fruticultura;
 Área cultivada:
 20.000m²;
 Propriedade existente
 no local anterior ao
 crescimento dos
 bairros;



Fonte: Produzido pela autora, 2024.

As fotografias a seguir são de uma área da cidade que se assemelha com a propriedade do Carlos (horta da Linha Caravaggio). São hortas que estão localizadas no bairro desbravador e que seguem a linha em que a cidade tem crescido e chegou até essas propriedades. Nessa área, conversou-se informalmente com alguns produtores e são inúmeras propriedades que estão nessa situação em que suas plantações estão dentro do espaço urbano e dialogam com esse ambiente, algumas delas estão mais afastadas enquanto outras já estão fazendo divisa com o loteamento.

Figura 3- Fotografia das Hortas do Bairro Desbravador



O bairro desbravador surgiu a partir do loteamento que deu seu nome, o lançamento ocorreu em 2014. O local chama a atenção pela relação cidade-campo, já que no entorno do bairro existe um cinturão verde que se destaca pela produção de hortaliças, existem diversas propriedades que praticam a atividade e, um pouco antes de chegar ao bairro, encontra-se a propriedade de um dos entrevistados, entretanto existem muitas outras, algumas como a fotografia da esquerda contam com uma estrutura sofisticada, inclusive com local de armazenamento e refrigeração, enquanto outras (fotografia da direita) são propriedades que também se dedicam à atividade, porém com estruturas diferentes. A fotografia da direita foi tirada de cima da calçada do loteamento desbravador. Fonte: Acervo da autora de imagens de trabalhos de campo, 2022.

Nessa perspectiva, as hortas descritas acima estabelecem relação com a primeira categoria de agricultura urbana encontrada em Chapecó, que são áreas em que o crescimento urbano abraçou essas espaço e foram se integrando ao meio urbano e que hoje estabelecem relação direta com ele.

Todavia, existem outros tipos de agricultura urbana, que consistem na nossa segunda categoria, ou seja, são os espaços dentro da malha urbana consolidada que são utilizados para a produção de alimentos. Nessa categoria, entrevistaram-se formalmente pessoas de duas hortas e em outras a abordagem foi feita por meio de conversas informais, principalmente devido à

idade dos entrevistados e às dificuldades de conseguir agendamento. Portanto, para as entrevistas, foram produzidos os boxes e para as conversas informais foram realizadas fotografias e anotações dos relatos e das observações em campo.

O terceiro box é referente às características da horta do bairro líder, localizada próximo ao Shopping Pátio Chapecó, além de estar próxima da avenida Getúlio Vargas, a mais central e importante da cidade. A horta está dentro de uma propriedade de 20.000 m², sua principal produção é horticultura, sendo que parte da produção fica dentro das estufas e outra parte fora delas. Além disso, a horta tem algumas árvores frutíferas em que os produtos são comercializados na venda local, enquanto a maior parte das hortaliças é comercializada para restaurantes e supermercados. Por causa da sua localização e relação com o bairro, muitas pessoas vão até o local para comprar.

Leonardo não possui a posse da propriedade e sim um contrato de locação do terreno. A propriedade existe há muitos anos e, no início, o entrevistado trabalhava na horta. Quando o antigo dono resolveu se aposentar, ele assumiu o contrato de locação e a administração da horta. A produção é familiar, entretanto existem pessoas que auxiliam e trabalham por remuneração diária.

A relação com a agricultura de acordo com ele vem desde pequeno:

No fato da gente já se agricultor, mas nenhum outro ramo vamos dizer assim, no milho, soja, o feijão etc. e por gostar de agricultura eu cheguei e fui trabalhar na terra, vamos dizer assim, que é esse outro lado que é de hortaliças. E estou trabalhando vamos dizer assim, que vê que é um ramo bom, que é rentável, que é um ciclo rápido, uma alface, vamos dizer 40 dias, o repolho 90 dias e assim por diante, diferente da roça do milho, mas é assim, né? Então foi onde eu quis trabalhar nesse ramo por esse fator (Leonardo, horta do bairro Líder).

Desde que se mudou para Chapecó, Leonardo (horta do bairro Líder) tem se dedicado a trabalhar com agricultura urbana e a produção de hortaliças. De acordo com o entrevistado: “pela área não ser grande a gente planta o repolho, o brócolis a couve folha, o almeirão, o radicce, a rúcula e alface, 5 tipos de alface daí: a lisa, a mimosa, americana, crespa e roxa. Então seria o agrião também, né? Seria o que a gente mais produz aqui”.

Em relação ao destino da produção, ele afirma que: “Na verdade é tudo para comercio, por que a gente não vence consumir, né, mas o que a gente vende é o que a gente consome também, a gente planta como se fosse para a gente, para vender para o consumidor final”.

Quando questionado sobre como funciona a entrega das hortaliças, ele explica que:

No início, nós íamos de casa em casa, mas hoje é o pessoal que vem bastante aqui pelo fato de ser dentro da cidade, então, o pessoal vem bastante aqui, mas a gente assim mesmo ainda faz o restaurante, né? Tem uns 15 restaurantes que a gente fornece três vezes por semana, na terça, na quinta e sábado, mas o forte nosso é a venda final aqui para o consumidor final (Leonardo, horta do bairro Líder).

Figura 4 – Box 3 Horta do bairro Lider



Fonte: Produzido pela autora, 2024.

O quarto box corresponde à horta localizada no Bairro Palmital, situada próximo à Prefeitura Municipal de Chapecó, na avenida Getúlio Vargas. O terreno onde está localizada a plantação tem em torno de 5.000 m² e pertence a uma empresa que realizou uma concessão por sete anos de forma gratuita para realizar a plantação. A horta é administrada por pai e filho e é a principal renda da família.

Ao contrário dos outros entrevistados, o Pedro nasceu na cidade e era atleta profissional, então somente há alguns anos ele começou a se dedicar à atividade, influenciado pelo seu pai: “Ela vem da parte do meu pai, o meu pai é nascido no interior, sempre trabalhou nessa área daí meio que deu continuidade, mudando um pouco de ramo, antes era mais plantação, agora é mais cana-de-açúcar mesmo” (Pedro, horta do bairro Palmital).

É uma propriedade destinada à plantação de cana-de-açúcar que, de acordo com o Pedro, também contém algumas plantações de hortaliças para consumo próprio. A fonte de renda é a cana-de-açúcar: “tem uma pequena horta ali, mas é para consumo próprio. A gente distribui para os vizinhos também, mas nada para comercialização”.

Quando questionado sobre a comercialização da cana-de-açúcar, o Pedro (horta do bairro Palmital) explicou que a comercialização é realizada por meio do caldo de cana. De acordo com ele, a plantação surgiu pela necessidade de matéria-prima para o seu negócio, então eles decidiram produzir: “Primeiro, oportunidade, pela necessidade de matéria-prima, né? E junto tem a oportunidade de uma área desocupada que foi cedida e daí era uma oportunidade para estar produzindo no caso”.

A comercialização é realizada em um trailer, em um ponto da cidade que foi cedido pela prefeitura. “Vendo em um lugar específico, em um lugar cedido pela prefeitura, através da venda direta, por meio de comércio local” (Pedro, horta do bairro Palmital).

Figura 5 – Box 4 Horta do Bairro Palmital



Fonte: Produzido pela autora, 2024.

O bairro Bela Vista é um bairro residencial e nele existem diversos terrenos que são utilizados para a agricultura urbana. Bastou algumas voltas pelo bairro para encontrar vários deles, geralmente contendo plantação de mandioca, feijão, chuchu, hortaliças, algumas árvores frutíferas, milho e cana-de-açúcar, e alguns animais como galinhas.

Foram realizados três trabalhos de campo nos bairros São Cristóvão, Bela Vista, Alvorada e Cristo Rei, entretanto nos dias do trabalho de campo não se encontrou ninguém trabalhando nesses terrenos das fotografias a seguir. Outro aspecto que também chamou a atenção foi que alguns desses terrenos, mesmo com a horta em pleno funcionamento, encontram-se à venda.

Figura 6- Fotografia das Horta do Bairro Bela Vista



No trabalho de campo realizado no bairro Bela Vista, foi possível identificar inúmeros terrenos sendo utilizados para o desenvolvimento da agricultura urbana. São terrenos relativamente grandes, que possuem uma produção diversificada de alimentos, entre quais estão as verduras e legumes, bem como mandioca, feijão, temperos, chás, cuja rotação depende da época do ano. Fonte: Acervo da autora composto em trabalhos de campo, 2024.

Figura 7- Fotografia das Hortas do Bairro Bela Vista



Os terrenos das imagens acima estão na mesma lógica do terreno descrito anteriormente, no entanto esses terrenos se destacam por ter plantação de cana-de-açúcar, criação de pequenos animais, além dos alimentos citados anteriormente. Outro aspecto que chama a atenção é que alguns desses terrenos estão à venda, o que demonstra o papel da especulação imobiliária na região. Fonte: Acervo da autora a partir de trabalhos de campo, 2024.

Foi possível realizar uma entrevista sem registro formal em gravação com um senhor que estava trabalhando na horta no momento do trabalho de campo. O senhor é morador de Chapecó há aproximadamente 60 anos e veio do campo ainda na adolescência, tendo trabalho como pedreiro a maior parte da vida. Agora é aposentado e, de acordo com ele, sempre plantou em terrenos nas proximidades da sua residência. No dia 04 de julho de 2024, ele foi abordado enquanto estava limpando as mandiocas e foi possível fazer algumas perguntas sobre quais tipos de alimentos ele produziu. Ele afirmou que a mandioca é o forte e que ele, no ano anterior, comercializou boa parte da produção. Mas também planta cebola, amendoim, feijão e hortaliças, utiliza água para irrigar as plantas quando necessário, usando apenas o regador.

O terreno não é de propriedade dele, é cedido para ele plantar em troca de manter limpo. Ele relatou que nesses anos que está em Chapecó já teve outros terrenos, mas quando a pessoa vai construir ou vender ele tem que sair. Sobre as dificuldades de plantar na cidade, ele comentou que, além de ter que sair de alguns terrenos, também teve problemas com furtos e destruição da plantação, razão pela qual teve que fazer a cerca. Sobre a utilização de agrotóxicos, ele afirmou utilizar alguns para limpar o terreno. A respeito dos motivos que levaram a praticar essa atividade, ele relatou que utiliza para passar o tempo, mas que a produção também ajuda na complementação da renda e, no que se refere a comercialização, de alguns produtos, como a mandioca, ele vende o excedente e o restante é para consumo da família.

Figura 8 - Fotografia da Horta no bairro Bela Vista



A horta é realizada em um terreno que foi cedido de forma gratuita em troca apenas da manutenção. Na horta, o senhor planta mandioca como principal alimento, mas também cebola, amendoim, feijão e hortaliças. Ao lado da horta, há uma plantação de cana-de-açúcar que é de um vizinho. Fonte: Acervo da autora em trabalhos de campo, 2024.

No bairro São Cristóvão, conseguiu-se contato com uma professora que é moradora dali há 40 anos e que, por muitos anos, a sua família criou galinhas e porcos no bairro, além de plantar hortaliças. A moradora contou um pouco sobre os motivos que levaram a parar de criar e como era na época: “o pai saiu do interior de seara e trouxe com ele os costumes do campo,

então mesmo trabalhando em serviços urbanos ele sempre continuou criando animais, geralmente tinha galinhas caipiras e galinhas compradas nas agropecuárias, os porcos ele comprava de agricultores no interior de Chapecó”. O destino era o próprio consumo e ela relatou que principalmente mandioca e verduras eles distribuem para amigos e familiares. Entretanto, devido a problemas de saúde na família, eles pararam de produzir.

Os vizinhos dela continuam produzindo nos fundos do terreno. Então, no segundo momento, foi feita uma conversa com o vizinha dela que trabalha até hoje com agricultura urbana. São um casal que morava no campo e há quase 18 anos saíram de Coronel Freitas e vieram para Chapecó, sempre buscaram plantar em terrenos baldios e no seu próprio quintal. Atualmente eles plantam em um terreno na frente da sua casa, principalmente mandioca, feijão, milho e hortaliças para o consumo próprio e com o fim de se manter ocupado e em movimento. Afirmaram que os produtos ajudam no dia a dia, mas não é uma forma de complementar a renda e sim de plantar para comer e para passar o tempo. Eles plantam hortaliças e mantêm árvores frutíferas para o consumo.

Figura 9 - Fotografia da Horta no bairro São Cristóvão



A horta é realizada na parte dos fundos do terreno, é mantida por um casal de idosos (cerca de 80 anos) que se mudaram para Chapecó e sempre mantiveram contato com a produção de alimentos, por meio da agricultura urbana. No terreno eles produzem hortaliças, plantas medicinais, flores e árvores frutíferas. Na frente da casa deles cultivam mandioca, feijão, chuchu em um terreno. Fonte: Acervo da autora em trabalhos de campo, 2024.

No bairro Desbravador, além do cinturão verde que o envolve, também tem inúmeros terrenos que ainda não possuem construções e que possibilitam a produção de agricultura urbana. Encontrou-se no bairro um senhor que plantou em três terrenos de donos diferentes.

Figura 10 - Fotografia das Hortas no bairro Desbravador



As duas imagens são de terrenos utilizados pela mesma pessoa para a plantação de feijão, mandioca, verduras, temperos, chás, chuchu, entre outros alimentos que dependem da época do ano. Em conversa com o senhor que estava plantando, ele afirmou que os terrenos não são dele, mas ele conversa com os donos para utilizar até que seja realizada uma construção ou a venda. Em seu relato, ele falou da vida enquanto agricultor e que continua plantando por vários motivos, entre eles como uma forma de passar o tempo, mas também de se manter ativo, de plantar suas “coisinhas”. Fonte: Acervo da autora oriundo de trabalhos de campo, 2022.

Figura 11 - Fotografia das Hortas no bairro Efapi



As fotografias da parte de cima são referentes às hortas encontradas em terrenos, próximo às residências, destinadas à produção de agricultura urbana. Os principais alimentos encontrados foram feijão, mandioca, verduras e legumes, temperos e chás. A plantação de cana-de-açúcar fica localizada em frente ao portão da penitenciária agrícola e, além disso, é possível perceber que o terreno também é utilizado para outros tipos de plantações. No entanto, devido à época do ano não está em alta a produção. A segunda fotografia é de canteiros que são utilizados para a produção de alimentos que ficam ao lado da penitenciária, onde é possível ver alface, temperos, couve, cenoura, chás, entre outros. Fonte: Acervo da autora oriundo de trabalhos de campo, 2024.

A zona oeste da cidade de Chapecó é caracterizada por englobar os trabalhadores de baixa renda que se instalaram ao redor das agroindústrias. Além disso, essa zona está deslocada da malha urbana principal, pois existe uma única via que a liga à área central, provocada por limitações naturais e pela presença de inúmeras áreas com vazios urbanos (Keschner, 2023).

No bairro Efapi, está localizada a horta da penitenciária agrícola (apresentada mais adiante), no entanto, além dessa horta, existem inúmeros terrenos utilizados para a agricultura urbana.

Seguindo nessa perspectiva, a terceira categoria de agricultura urbana encontrada são as de cunho coletivo e/ou comunitário que são as hortas relacionadas às entidades como a ONG Verde Vida que atua como um programa de inclusão social e sustentabilidade com crianças e adolescentes. Na ONG, há projetos como reciclagem e a horta entra na educação ambiental e produção de alimentos saudáveis.

As imagens a seguir são da área onde está localizada a horta, que fica a cerca de uma quadra da sede da ONG, cuja plantação é realizada em estufas e conta com uma casa que eles têm para que a pessoa responsável pelo cuidado diário da horta possa morar.

Figura 12 – Box 5 Horta do Bairro Bom Pastor



Fonte: Produzido pela autora, 2024.

A ONG Verde Vida se dedica a atividades com crianças e jovens, desde aquelas relacionadas à educação, às artes, como também reciclagem e a produção agrícola. Na visita durante o trabalho de campo em 2022, encontrou-se com o casal que ficava responsável pela horta e eles comentaram sobre as dificuldades e os custos para a manutenção, pois estavam retornando de um período pandêmico, no qual a horta ficou fechada por questões sanitárias.

De acordo com o entrevistado Bruno (horta do bairro Bom Pastor), a ONG existe há muitos anos, no entanto há oito eles receberam uma ajuda financeira de uma empresa privada para a realização de um projeto com o terreno que está em posse da ONG: “a gente colocou muito recurso nosso, mas foi graças ao incentivo externo que nós implantamos a horta. Se fosse só por iniciativa nossa, eu acho que a gente não teria implantado. Nós recebemos recurso do Fórum, da Fundação Cargil, para começar e dar continuidade”.

Em relação ao terreno e ao começo da horta, Bruno (horta do bairro Bom Pastor), relatou que:

Ela é uma área da ONG, em 2002 a gente comprou aqui uma chácara na época, né, que os proprietários inicialmente não queriam, depois toparam se desfazer, a ONG comprou para construir um parque, mas não conseguimos recursos para viabilizar esse parque e aí a partir daí a gente foi numa parte, a gente foi plantando árvore, fazendo limpeza como um parque né? E a outra que estava meio largado, aí a gente conseguiu o barracão para essa questão da coleta do óleo para separação de materiais e depois a gente visualizou essa oportunidade da hora e foi a partir disso que a gente investiu mais pesado nessa questão. A nossa sorte é que inicialmente a gente conseguiu um casal com muita dedicação, comprometimento, muito responsáveis e nos facilitou o plantio, o investimento e nos auxiliou muito. Então no começo a horta funcionou muito bacana, muito, muito legal.

Avançando nesse tipo de agricultura urbana, de acordo com o site ClicRDC (2022), o projeto Ressocializar desenvolvido em parceria entre a Penitenciária Agrícola de Chapecó e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), tem o objetivo de comercializar e expor os produtos que são produzidos pelos detentos da penitenciária, entre os trabalhos estão artesanatos, frutas e verduras cultivadas pelos reeducandos, tendo por missão a ressocialização deles através do trabalho.

Figura 13 - Cartaz do Projeto Ressocializar



Fonte: OAB, 2024.

Por questões de logística, optou-se por não realizar a entrevista com a horta da penitenciária agrícola, no entanto é importante mencioná-la, visto que, representa os projetos sociais que utilizam a agricultura, em especial a agricultura urbana como meio de proporcionar o trabalho, assim como, de aproximar os jovens, crianças, adultos das práticas pertinentes para a agricultura. Por meio das imagens de satélite e pelas observações em campo, são produzidos diversos alimentos nas estufas e também fora delas.

Figura 14 – Fotografia da Horta da Penitenciária Agrícola de Chapecó/SC



Fonte: Acervo da autora e Google Earth, 2024.

Os trabalhos de campo demonstraram a amplitude das áreas utilizadas para práticas de agricultura urbana, desde áreas pequenas no quintal para consumo próprio até terrenos ou lotes são uma prática muito frequente em Chapecó, as pessoas costumam utilizar esses espaços para produzir os próprios alimentos, e o que se destaca além da quantidade é que na maioria dos bairros existe esse tipo de agricultura urbana. Já as áreas maiores destinadas à comercialização, existe um cinturão que envolve a cidade e que cada vez mais tem se relacionado com a cidade, por meio de sua proximidade, mas também pela procura dos moradores por alimentos frescos e direto dos produtores, sendo vista pelos entrevistados como algo positivo e proveitoso para estabelecer relações com o consumidor. A agricultura urbana ser desenvolvida em conjunto com projetos sociais demonstra essa relação cidade/campo, e a ligação com a agricultura estabelecida na região, visto que, o objetivo desses projetos são promover o contato com a terra, bem como, ensinar as práticas relacionadas a agricultura.

4 AGRICULTURA URBANA CHAPECOENSE E O DIREITO À CIDADE

A agricultura urbana desenvolvida em Chapecó tem suas particularidades e, como foi desenvolvido, ao longo desta dissertação, essas particularidades se devem muito à configuração da região desde o período de colonização que começou no início do século XX com as companhias colonizadoras que realizaram o fracionamento e a divisão das terras, com o objetivo de reproduzir o modelo que tinha no Rio Grande do Sul, baseado em pequenas propriedades em que predominam a agricultura familiar (Konrad; Silva, 2012).

Além disso, Begnini e Almeida (2016) apontam para o intenso fracionamento territorial entre as inúmeras pequenas propriedades e as várias pequenas cidades que compõem a região oeste. Isso caracteriza a formação socioespacial e a configuração do território necessários ao entendimento das relações campo-cidade. “com base em dados do ano 2010 e tendo, como unidade de análise, 118 municípios do Estado de Santa Catarina, que compõem a Mesorregião Oeste Catarinense” (Begnini; Almeida, 2016, p. 549). Dentro da Mesorregião Oeste de Santa Catarina, existem cinco microrregiões e entre elas existe a microrregião de Chapecó que conta com 38 municípios (Begnini; Almeida, 2016). Devido a essa configuração e a quantidade de cidades, a região passou a ter uma relação cidade-campo singular, pois as distâncias percorridas pelas populações do campo até uma cidade são menores que em outras regiões do país. Portanto a dinâmica entre as cidades e com campo se altera e, mesmo depois do processo de êxodo rural, essa dinâmica ainda permanece, evidenciando que essa relação cidade-campo é próxima.

Nessa perspectiva, Onghero (2013, p. 2-3) afirma que “a atuação das companhias colonizadoras foi decisiva na organização do espaço rural da região. Por meio de mapas, as áreas eram divididas em lotes, adotando certa padronização”.

Figura 15 – Fotografia da divisão de Terras na Cia Territorial Sul Brasil



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó, apud Onghero, 2013.

A figura 15 demonstra a padronização utilizada pela colonizadora Sul Brasil, no entanto outras empresas colonizadoras também utilizaram da mesma forma de padronização. Durante os trabalhos de campo, isso se tornou evidente, pois são inúmeras áreas fragmentadas em torno de Chapecó, justamente por conta dessa configuração que vem desde a colonização e que estrutura pequenas propriedades e não grandes latifúndios, e isso fica evidente quando é loteada uma nova área na cidade, pois são pequenas áreas (talvez uma ou duas propriedades que foram compradas) no qual são criados loteamentos e as propriedades ao redor permanecem, o que contribui para um tecido urbano bastante fragmentado.

Nessa perspectiva, a relação com o rural é vista com proximidade, como algo bom, diferente de outros lugares, como aponta Nagib (2016) em relatos sobre a relação com alguns vizinhos da Horta das Corujas em São Paulo que foram xingados ou ouviram reclamações de pessoas por acharem que a horta iria atrair ratos, mau cheiro, bem como pessoas em situação de rua, ou que aquilo era uma bagunça, entre outros aspectos negativos.

Em Chapecó, buscou-se entender como ocorre essa relação e se ela pode ocorrer de outra maneira. Para tanto, questionou-se os entrevistados sobre a relação com a vizinhança.

Olha eu acho que é boa, a gente sempre mantém tudo organizado, sempre limpinho, né? Tudo bem bonito, lá o pessoal nos finais de semana gostam de sentar para tomar chimarrão, é até um enfeite para a cidade (Pedro, horta no bairro Palmital).

É bem amizade mesmo. Ah chega um às vezes pegando um pé de salada, uma cabeça de repolho, a gente nem dá bola, porque não destruindo a nossa infraestrutura, né, que é a irrigação, um plástico ou jogando fora, né? Sempre vai ter um que vai pegar um pé de alface ou uma cabeça de repolho (Leonardo, horta no bairro Líder).

A gente se dá bem com todo mundo, ficou ruim ali que eu falei agora, que o pessoal principalmente do outro lado ali porque aqui tem poucos moradores ainda aqui, aí tem a vizinha ali em cima que faz massagem, aí ela vem ali na tela pedir: “vizinho me arruma uma salada”, daí até a gente pega na hora ali pra ela, a gente se dá muito bem, o lado de lá que tinha gente que eu tinha autorizado, vem aqui colhe e depois tu me paga e eles muito certinhos eles eram, daí eu tive que fechar lá, tive que conversar, não é por causa de vocês, mas tem gente que a gente nunca viu, gente lá do bairro Passo dos Fortes, um dia tinha um senhor ali pegando verdura, ele falou “não, essa horta é da prefeitura”, digo “não, abençoado, não é da prefeitura”, todo mundo fala que é da prefeitura, sabe então umas, mas senão, super bem com a vizinhança se não tivemos problema de nada, tudo que acontece da parte dele como da nossa a gente procura conversar e acertar se tem algum detalhe sobre alguma coisa, mas por enquanto não deu (Carlos, horta no bairro Caravaggio).

Tem pessoas que nos ajudam e tem pessoas que nos ferram. Ali tem pessoas que torcem por nós, nos ajudam, nós avisamos quando roubam, nos ligam pedindo medidas então e tem outras que por qualquer motivo complicam, mas a gente sabe que esses que complicam têm outros interesses envolvidos também, então é um pouco ruim isso (Bruno, horta no bairro Bom Pastor).

Em suma, os entrevistados relatam alguns problemas como furtos e alguns desentendimentos, entretanto a relação é bastante próxima, inclusive muitos vizinhos são consumidores frequente das hortas.

Para compreender o desenvolvimento da agricultura urbana em Chapecó, é necessário entender como é produzir alimento no espaço urbano e, pensando nisso, os entrevistados foram questionados sobre como eles percebem a existência da horta dentro da cidade:

Olha, quanto mais crescer a cidade é melhor, porque vai ter mais consumidor, eu produzo um alimento, então quanto mais tiver bocas pra comer, pra mim melhor, mas a gente ficou muito perto, então assim eu tive que lá do outro lado lá, tive que cercar, por causa que eu tinha muito problema com as pessoas iam roubar, até é forte a palavra, mas tu via assim as pessoas entravam ali dentro, aí encontrava oi, bom dia, bom dia a estou pegando uma saladinha aí, mas como assim estou pegando uma saladinha, entendeu? Ai tu brigar, sabe tem a parte boa e tem a parte ruim, aumenta sua venda, aumenta o consumidor, essas coisas, mas também tu se incomoda. (Carlos, horta da Linha Caravaggio).

Eu acho um ponto positivo, pois você está perto para a comercialização, você não vai ter aquela logística do produto, assim ficar, digamos, horas na estrada para chegar no consumidor final, então isso é um ponto positivo (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

Eu avalio como positivo, tanto para mim, quanto para o consumidor, né? Que eles vêm comprar, veem onde que a gente plantou, batem foto do que a gente tá fazendo, aqui estão levando para casa as novinhas. Então tudo isso é um ponto positivo, né, para o pessoal ver como é que a gente planta, né? (Leonardo, horta do bairro Líder).

Olha, eu vejo como uma tendência, o pessoal está aproveitando esses espaços para estar produzindo e eu acho que é um futuro bem interessante (Pedro, horta do bairro Palmital).

Muitos autores que debatem sobre agricultura urbana e direito à cidade abordam de uma maneira revolucionária, em que o direito à cidade está ligado ao conceito de revolução, de ir

contra as diretrizes do capitalismo que perpassa pela individualidade, portanto a agricultura de maneira coletiva e/ou comunitária é a forma que as pessoas encontram para reivindicar o direito à cidade:

Trata-se, de fato, do inalienável direito a uma vida decente para todos, não importa o lugar em que se encontre, na cidade ou no campo. Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo da sociedade, através das instâncias do governo, e são devidos a todos. Sem isso, não se dirá que existe o cidadão (Santos, 2007, p. 157-158).

De acordo com Petrus, Lago e Ferrer (2022), existem cinco grandes pautas na luta pelo direito a uma alimentação saudável e pela superação da fome, sendo o primeiro ponto o reconhecimento político-institucional da agricultura familiar urbana. Para tanto, é necessário a construção da unidade campo-cidade, ou seja, as políticas públicas, por exemplo, relacionadas à agricultura familiar devem ser estendidas tanto para o campo quanto para a cidade. O segundo é a participação de sujeitos e movimentos nos debates e espaços de negociações, bem como nos diferentes níveis de poder. O terceiro ponto é o acesso à terra urbana para a produção e o armazenamento dos alimentos, visto que a terra urbana é objeto de disputa entre os agricultores urbanos e os interesses imobiliários. O quarto ponto corresponde às infraestruturas básicas para morar e produzir tanto no campo quanto na cidade, como saneamento e energia. O quinto aspecto trata das infraestruturas de beneficiamento e comercialização como um fator indispensável para as políticas públicas.

Os cinco pontos trazido pelos autores são propostas para incluir a agricultura urbana principalmente no debate de políticas públicas, que é fundamental para o desenvolvimento dessa atividade, visto que muitos agricultores urbanos ou periurbanos não tem acesso a crédito, ou a programas de comercialização de seus produtos, pois não se encaixam nos programas de agricultura familiar, entre outros. Nesse sentido, concordamos com Harvey (2014, p. 30), para quem: “Reivindicar o direito à cidade no sentido que aqui proponho equivale a reivindicar algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como nossas cidades são feitas e refeitas, e pressupõe fazê-lo de maneira radical e fundamental”.

Nessa perspectiva, os autores que debatem sobre agricultura urbana e o direito à cidade, o fazem por meio do debate de hortas comunitárias e/ou coletivas, que buscam por meio de lutas sociais e de sua resistência ir contra a lógica do capitalismo, que é da individualidade, da fome, da desigualdade, da fragmentação, da morte das populações mais pobres, do agronegócio, do veneno, do desmatamento, da monocultura, entre tantos outros aspectos. “Por isso Lefebvre

(2008) defende o direito à cidade como uma utopia, uma plataforma de sociedade a ser edificada pelas lutas sociais contra a lógica capitalista de produção do urbano, que mercantiliza as cidades” (Nascimento; Teodósio, 2022, p. 105).

São elementos centrais do regime alimentar corporativo a commoditização de alimentos, sua produção em sistemas industrializados voltados para maximização do lucro, e sua distribuição por extensas cadeias globais de suprimentos. As cidades, como são espaços privilegiados de circulação e consumo desses alimentos commoditizados, tornam-se assim locais relevantes de resistência e transformação desse regime. Para contribuir nesse sentido, a agricultura urbana precisa responder aos processos de cercamento, espoliações e privatizações para mercantilização da vida e acumulação de capital que caracterizam a cidade capitalista e que se agravam no neoliberalismo. [...] Para tanto, importa que experiências transformadoras de agricultura urbana impliquem em participação na obra de produção social das cidades, na apropriação dos fluxos metabólicos urbanos para criação de espaços comuns e de relações sociais não-commoditizadas (Schittini, 2020, p. 3).

Portanto, o direito à cidade relacionado à agricultura urbana pode ser visto de diferentes maneiras, desde a luta pelo acesso à terra, bem como por alimentos saudáveis, assim como lutar contra a lógica capitalista de produção de commodities, “O direito à cidade, analisado a partir do direito à agricultura urbana, também evidencia como o ato de cultivar a terra ainda é bastante provocativo, especialmente quando a urbanidade confere, àquele labor, um rótulo de atraso, de pouca sofisticação, e até mesmo de sujo ou imundo” (Nagib, 2020, p. 140).

O direito à cidade é um direito revolucionário, de mudar a realidade principalmente de maneira coletiva e não individual, de mudar a condição urbana, como afirma Harvey (2014, p. 23-24), de romper com a totalidade do sistema capitalista de acumulação infinita, assim como suas estruturas relacionadas de poder de exploração de classe e do Estado, que devem ser derrubadas e substituídas.

Muitos autores apresentam inúmeros exemplos de agricultura urbana praticada de forma comunitária, coletiva, agricultura urbana de guerrilha, entretanto, no espaço urbano de Chapecó, a agricultura urbana encontrada é majoritariamente individual, fazendo com que surgisse a pergunta se essa agricultura urbana também é uma forma de reivindicar o direito à cidade. Será que a agricultura urbana praticada em Chapecó busca lutar por direitos sociais que rompem com a lógica capitalista?

À vista disso, é preciso compreender a produção do espaço por meio da agricultura urbana chapecoense e como ela dialoga com o conceito de direito à cidade. Para tanto, buscou-se, por meio das entrevistas, entender como eles percebem a produção do espaço, tal qual a relação cidade-campo, e principalmente como é ser um agricultor urbano em Chapecó, além disso, se ocorre da mesma maneira que em outras cidades do país.

A agricultura urbana é vista de maneira positiva pelos entrevistados, visto que a aproximação com a dinâmica da cidade também aproxima do consumidor e isso faz com que a população tenha acesso aos alimentos de maneira direta, podendo comprar inclusive no local de origem desse alimento. Mesmo as hortaliças que são entregues nos mercados por esses agricultores urbanos estão frescas e não vêm de outras regiões cujo transporte demora dias para chegar até os consumidores, logo, além de ficaram muito tempo na estrada, ainda chegam com preços altos.

A AUP [agricultura urbana e periurbana] pode desempenhar importantes funções ambientais, sociais e econômicas. No entanto, é importante destacar que nos países mais pobres o papel socioeconômico da AUP é ainda mais importante, pois pode ajudar as comunidades carentes a obter uma fonte direta de alimentos frescos e acessíveis (Azevedo *et.al.*, 2020, p. 3).

A integração da agricultura urbana ao ambiente urbano é um processo que passou por mudanças ao longo do anos. Três dos entrevistados relataram que suas hortas são precedentes ao crescimento da malha urbana, portanto foi questionado sobre as mudanças que a horta vem sofrendo desde o começo. Contudo, as respostas foram em relação à estrutura e funcionamento das hortas, ou seja, a expansão das estufas, as mudanças relacionadas ao plantio, a forma que elas têm sido cultivadas, como os relatos a seguir:

Quando a gente começou não tinha nem estufa, era plantado tudo a céu aberto, não tinha estufa e nem a bandejinha com o torrãozinho, era feita a muda no chão, tirava assim e plantava, aí já começou a precisar fazer a muda na bandeja, para ela ter mais terra e mais raiz, se não ela não aguenta o calor, aí depois começou a vir as estufas, se não é na estufa também já era produzir e assim foi evoluído, aí veio a hidroponia, e todo ano tem novidade, eles vão melhorando a cada ano as sementes também, as variedades (Carlos, horta da Linha Caravaggio).

Desde a estrutura, a gente plantava tudo a campo, daí depois começou o cultivo protegido em estufa, aí já mudou a estrutura de estufa, hoje a gente está construindo estufa nova já é outro padrão, então isso foi o que mudou bastante (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

Mudou, no início as mudas por exemplo a gente fazia na terra mesmo, hoje a gente já faz na bandeja que é mais prático, se gasta menos água, né? Ela garante mais a pegação dela, então mudou essa parte que eu diria, né? E o consumo também, quando a gente começou a consumir menos, né? E hoje o que você planta, o que você produz tem o consumo, né? (Leonardo, horta do bairro Líder).

Foi ampliado, antes era utilizado uns 3 mil metros e agora foi ampliado, mas a plantação sempre foi igual (Pedro, horta do bairro Palmital).

Todavia, Leonardo (horta do bairro Líder) destacou que o consumo mudou, que hoje ele tem mais consumo e isso é importante para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois reflete

na dinâmica urbana de Chapecó, em razão do que foi lhes apresentado anteriormente. A cidade cresceu exponencialmente e isso reflete no cotidiano da população. Esse crescimento significa mais pessoas, portanto é necessário mais alimento e são as populações mais carentes que vão ter dificuldade no acesso a eles.

As territorialidades da AUP [agricultura urbana e periurbana] estão configuradas no plantio, na localização das hortas, na relação dos sujeitos com o entorno e com o poder público, mas também no trato com a terra, na colheita, na pesca e na atividade criatória. Também se manifestam nas trocas comerciais e sociais de quem a desenvolve e a utiliza como fonte de alimentação, articulando diferentes formas de comercialização e destinos de produção, gerando fluxos e desencadeando diversos processos, produtos, sujeitos e grupos sociais (Azevedo *et.al.*, 2020, p. 12).

Sob tal perspectiva, buscou-se olhar para como os entrevistados percebem os aspectos positivos de produzir alimentos no espaço urbano e, de acordo com eles, o principal aspecto é a proximidade com o consumidor:

Olha de positivo, é porque a gente nasceu aqui na roça, se criou na roça e não se vê em outro lugar, sabe? Não consegue imaginar em outro ambiente, senão na lavoura, só de positivo, porque o resto tá complicado, só porque a gente está aqui, e nem tá mais muito retirado que nem era uma vez, né, mas ainda tem sossego, está no ar livre, trabalhando por conta, sabe então seria mais isso mesmo (Carlos, horta da Linha Caravaggio)

Ponto positivo é a gente estar sabendo que está ajudando a alimentar o mundo, o ser humano e a cidade, é gratificante ver isso (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

É que você fica perto do cliente, vamos dizer assim, do consumidor. E se você vai fazer a entrega, você gasta menos na entrega. E sempre tá aumentando, porque a cidade aumenta e aumenta a sua venda também, né? (Leonardo, horta do bairro Líder).

O acesso também contribui, porque eu vejo que o pessoal gosta bastante até de ir lá perto, gosta bastante (Pedro, horta do bairro Palmital).

Eu acho que primeiro é você ter acesso uma verdura saudável e a outra é que nós permitimos, nossas escolas, nossas crianças a ter contato com a natureza direto, ver como se produz, de onde é que vem e tal (Bruno, horta do bairro Bom Pastor).

A ampliação da agricultura urbana é um desafio a ser enfrentado, sendo ela uma fonte econômica importante e por outro lado um espaço para perpetuar a relação cidade/campo, bem como uma forma de aproximação com as práticas relacionadas com a agricultura tradicional, em que, a produção diversificada de alimentos proporciona um aprimoramento na alimentação da população.

As agriculturas desenvolvidas no meio urbano tendem a ser diversificadas, com cultivo de diversas espécies numa mesma área, como estratégia de maximização dos pequenos espaços disponíveis e como reflexo dos conhecimentos agrícolas herdados

das áreas de agricultura familiar e dos quintais rurais, que têm como princípio a diversificação produtiva. (Halder; Mendonça; Monteiro, 2008, p. 8)

A agricultura urbana é uma prática relevante para disseminação de alimentos saudáveis, de produtos não processados e frescos, incentivando a manutenção da relação entre produtor e consumidor, bem como, a aproximação das crianças e dos jovens com essa atividade, possibilitando o acesso às experiências no cultivo de alimentos.

No entanto, é necessário compreender os pontos negativos que eles encontram cotidianamente se dedicando à produção de alimentos no espaço urbano:

Olha tem bastante, começar pela saúde, desde pequeno você não tem, aquela bolsa de substrato lá com adubo com 50 quilos, você tem que erguer, caixa, tem que carregar peso, vai terminando com as costas, eu por exemplo tenho vários problema nas costa já, tenho 40 anos e parece que tem 80 já, com as costas do pai mesma coisa, a mãe já está só cuidando da casa só, mas está também bem ruim a saúde, a desvalorização é complicado que você tem, você leva todo dia todo dia um produto bonito, saudável pro mercado, o dia que você leva acontece é muita chuva ou danificou um pouco você é cobrado, muito cobrado e quem mais quer ter um produto bonito sou eu, eu tô vendendo, né, as pessoas não entendem (Carlos, horta da Linha Caravaggio).

Os pontos negativos são que o agricultor depende de clima, às vezes severo como seca, e não ter muita ajuda assim da parte política, não tem muita ajuda, ainda mais o pequeno agricultor menos ainda, né? (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

Olha eu diria que não tem nenhum negativo, porque desde que o pessoal não venha complicar com você, vamos dizer assim. Por que tipo, como é que eu vou te dizer, um aval que não, é bom que tenha, né? Mas assim o pessoal da cidade, vêm uns e dizem que “eu queria que fosse perto da minha casa” “lá é longe para mim ir buscar” se é do outro bairro digamos assim, né? Mas não tem empecilho nenhum (Leonardo, horta do bairro Líder).

Olha, eu não vejo nenhum no momento, deveria ser mais incentivada (Pedro, horta do bairro Palmital).

Eu acho que não tem ponto negativo, o ponto negativo é a dificuldade de você encontrar mão de obra, complicado, né? Para tocar a atividade (Bruno, horta do bairro Bom Pastor).

As dificuldades encontradas pelos agricultores urbanos dependem de cada realidade, no entanto, no dia-a-dia da atividade, são encontrados problemas referentes à mão de obra, ao serviço braçal que é realizado, além dos aspectos relacionados ao clima, o que influencia diretamente a prática dessa atividade. Os quatro entrevistados que possuem hortas individuais as têm como principal fonte de renda e trabalham em conjunto com suas famílias no desenvolvimento dessa atividade.

A agricultura praticada em comunidades rurais, dentro ou no entorno das grandes cidades, tem, na maioria das vezes, objetivo direto de geração de renda através da venda da produção. Frequentemente, os agricultores sobrevivem exclusivamente da

agricultura ou têm maior parte da renda oriunda desta atividade. Já nas áreas intraurbanas, a questão do autoconsumo, das trocas e doações prevalece sobre as finalidades comerciais da produção. A geração de renda se dá de forma indireta, na economia que as famílias fazem quando diminuem a compra de alimentos no mercado. Algumas iniciativas de maior porte geram excedentes comercializáveis, que são vendidos diretamente aos consumidores, não passando por atravessadores (Halder; Mendonça; Monteiro, 2008, p. 13).

Entretanto, a ONG desenvolve a agricultura como um projeto social e destina a sua produção para alimentação das crianças e o excedente é comercializado de forma direta com os moradores do bairro. Nesse sentido, o que se verificou é que as hortas realizadas em terrenos baldios, que foram descritas nessa pesquisa, são exemplos de produções que são realizadas com o objetivo de consumo próprio, o que influencia na renda e na alimentação dessas famílias. Porém a agricultura urbana chapecoense também passa por alguns desafios relacionados ao funcionamento das hortas:

Um desafio assim é o clima, custos de produção, que nem agora a gente está construindo estruturas novas com valor elevado.

[*E quais os desafios que você vê de produzir alimento próximo a cidade?*] Aqui o desafio não tem muito, mas até tem vezes algum furto né, não tem problema, mas o pessoal vem né. Aqui a propriedade é aberta, então o livre acesso do pessoal, às vezes está por aí, até pela questão de pragas, assim a gente é vetor de praga e caminha pra cá e pra lá (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

Olha, o que vou te dizer de desafio, é o pouco espaço e você produzir, né? Tentar produzir naquele pouco espaço ali é um desafio, né? Tu tens que estar sempre em cima, tirar uma hoje e amanhã já ter outra. Esse é o que eu acredito ser o maior desafio (Leonardo, horta do bairro Líder).

Não tem nenhum, os cuidados têm que ter da mesma forma que se fosse numa área rural e é a mesma coisa, é mais prático no caso (Pedro, horta do bairro Palmital).

O desafio maior é o que nós encontramos aí a mão de obra daí, por exemplo, nós estamos num bairro caracterizado como pobre e problemático, e é verdade, aqui nessa região se concentrava a pobreza e a pobreza ela cria muita marginalidade, criminalidade, então tem pessoas que pequenos furtos para eles é meio comum, sabe? É meio normal não respeitar as propriedades e com isso a gente também se incomodou bastante na horta, eles roubam, esse tipo de coisa (Bruno, horta do bairro Bom Pastor).

O sentimento de pertencimento, da mesma forma que a relação estabelecida com a cidade e com o campo são importante para o desenvolvimento da pesquisa, por isso que entender como os entrevistados se sentem em relação ao seu trabalho, ou seja, se eles se identificam como trabalhadores da cidade ou do campo foi o foco de uma das perguntas:

Um trabalhador do campo, na cidade, não é sempre no campo, estamos produzindo já dentro da cidade, mas ainda com o espírito do campo (Carlos, horta da Linha Caravaggio).

Eu me sinto um trabalhador do campo (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

Os dois, porque eu tenho o bloco de produtor rural produzindo na cidade, né? (Leonardo, horta do bairro Líder).

E acho que meio a meio, um produtor meio moderno por ser na cidade (Pedro, horta do bairro Palmital).

A segunda interpretação do contínuum urbano-rural nos parece mais conectada com o conceito de desenvolvimento regional, uma vez que não está direcionada à visão de fim do rural, e sim, sua integração com o urbano, valorizando suas particularidades. Contudo, salientamos que essa integração deva partir de uma construção da base para a superfície, com a participação efetiva dos atores. Compreendemos que no contínuum possa haver uma espécie de urbanização do rural, mas, também, uma ruralização do urbano (Kieling; Silveira, 2015, p. 140).

Talvez, mesmo sem ter essa noção, essas pessoas, por meio de suas ações, buscam uma cidade melhor, a relação entre a cidade e a agricultura urbana já foi demonstrada por diversos autores que apontaram que ela contribui para a sustentabilidade das cidades, ou seja, cidades em que se possam construir caminhos para produzir alimentos para sua população, mas também ter espaços considerados oásis em meio a tanto concreto, espaços de permeabilização do solo, de melhor administração do lixo orgânico, produção de alimentos saudáveis, próximo dos consumidores e com preços acessíveis.

Então, de certa forma, a agricultura urbana é um tijolo na construção e na busca por uma revolução urbana.

A cidade tradicional foi morta pelo desenvolvimento capitalista descontrolado, vitimada por sua interminável necessidade de dispor de acumulação desenfreada de capital capaz de financiar a expansão interminável e desordenada do crescimento urbano, sejam quais forem suas consequências sociais, ambientais ou políticas (Harvey, 2020, p. 20).

Percebe-se que, nos últimos anos, Chapecó tem perdido seus traços tradicionais de cidade do interior conectada com o campo para se adequar a essa ideia de desenvolvimento proposta pelo capitalismo. Apesar de ainda manter muitos elementos, cada vez menos as pessoas sentam-se nas ruas em frente às suas casas, com a vizinhança para tomar chimarrão, coisa muito comum no cotidiano urbano anteriormente.

O que se observa em Chapecó é que as hortas maiores são dedicadas à comercialização da produção, são destinadas para supermercados, restaurantes e até mesmo direto ao consumidor final, e visam como principal objetivo ser fonte de renda das pessoas que ali trabalham. No entanto, as hortas produzidas em terrenos menores próximos às suas residências têm como principal objetivo o consumo próprio e muitas vezes são distribuídas para vizinhos e amigos, podendo até ter uma pequena comercialização.

No entanto, a agricultura desenvolvida em Chapecó se difere de outras cidades brasileiras em função da formação socioespacial, pois trata-se de pequenas propriedades de agricultura familiar (características da região), que tem como base a policultura, que abrange mandioca, feijão, legumes, verduras, temperos e chás.

Ao longo de sua trajetória, a agricultura familiar se afirmou como o segmento sócio-produtivo essencial para as transformações do oeste catarinense. Sua importância é destacada como protagonista de uma formação sócio-espacial particular, baseada não só na força de trabalho, mas também no acesso das famílias aos meios de produção (Konrad, Silva, 2012, p. 14).

Para finalizar as entrevistas, foi questionado se eles têm consciência de que a agricultura urbana é uma atividade muito praticada em Chapecó, sendo que muitos deles acreditam que ainda existe espaço para crescimento dessa atividade.

Sim, tem agora, eu não sei faz tempo que a gente não conversa, mas tinha um rapaz que ele tinha uma horta aqui dentro, aqui no bairro Paraíso, aqui ele tinha dois terrenos, que ele tinha comprado quando começou o bairro, né, ele trabalhava como funcionário, era vendedor, eu acho, se não me engano, e ele tinha um dinheiro, ele comprou dois terrenos e ele montou a horta dele ali dentro do bairro, lá dentro da cidade (Carlos, horta da Linha Caravaggio).

Olha, eu nunca parei pra pensar muito, mas se for parar para pensar eu tenho outros conhecidos que estão na mesma área que eu que a cidade já está rodeando eles, mas eu nunca parei para pensar bem nisso (Eduardo, horta do bairro Engenho Braum).

Não, tem bastante ao redor da cidade, tem um cinturão verde que tem de hortaliça e ainda tá sempre faltando, vem de Curitiba, vem de São Paulo, vem de tudo que é lado, então eu acredito que é um ótimo desenvolvimento, né? Mas em Chapecó hoje eu tenho Cinturão Verde em volta dela que produz também, não sou só eu, tem vários. Eu conheço bastante também (Leonardo, horta do bairro Líder).

Olha, urbano eu vejo algumas coisas, o pessoal planta uma mandioquinha, uma salada no terreno, mas não é muita coisa assim, sempre pouco, mas poderia ser mais (Pedro, horta do bairro Palmital).

Olha, a gente tem, eu acho que tem, uma questão mais ou menos assim, Nós fomos constituídos, o município de Chapecó é constituído, por muito habitantes de muitos municípios próximos, pequenos, que vieram para o meio urbano, e todos eles viviam de agricultura ou a maioria deles vivia de agricultura, então a gente não pode perder assim. Ah, se tem um espaço vazio, a gente limpa e planta mandioca, você bota pé de fruta, você põe jabuticaba, você faz uma hortinha, você faz tudo isso então enquanto dá para a gente plantar alguma coisa a gente planta, lá em casa minha mulher na frente, no jardim, ela tem vasos, ela planta salsinha, tempero, todas essas questões. Eu acho que dá para aumentar bastante, mas tem que incentivar e seduzir as pessoas e tal (Bruno, horta do bairro Bom Pastor).

A agricultura urbana, estabelece relações entre a cidade e o campo, permitindo que os cidadãos tenham próximos as suas residências a produção de alimentos, frescos, saudáveis, e

constitui conexões com a natureza, tal como o trabalho e as heranças camponesas, que com a modernização da agricultura e com o processo de industrialização, as relações de trabalho se alteram,

Cidade, para Lefebvre (2001), é a materialidade do espaço, ou seja, o espaço em si, e o urbano, por sua vez, caracteriza-se como o conjunto de relações racionalmente construídas sobre a cidade. Na mesma perspectiva está a relação campo e rural. O campo corresponde à materialidade do espaço, visualmente identificável por suas características estéticas; e o rural refere-se às relações que se estabelecem e que conjugam o modo de existir da vida que há ali. Lefebvre, por pautar-se em uma perspectiva marxista, reconhece a centralidade do trabalho e os meios de produção como base para compreender a materialidade da vida humana e as relações que se configuram a partir da sua organização sócio-produtiva. Neste sentido, pontua como marco importante a ser referido na relação entre o campo e a cidade o processo de industrialização que age impondo novas racionalidades. Estas interpelam as inter-relações rurais estruturadas no campo, apresentando a terra, antes, como centro das relações produtivas e meio de troca e exploração de riquezas a partir dela desenvolvidas. No final da idade média, com o desenvolvimento mercantil e a formação dos primeiros burgos, a cidade ainda é submetida à lógica agrária (LEFEBVRE, 1991) (Araújo, Ribeiro, Kruger, 2018, p. 92).

A percepção que se pode construir em relação à produção do espaço urbano de Chapecó é que existe ainda uma forte relação com o campo, mesmo com a intensificação do crescimento da cidade, sendo a agricultura urbana uma prática difundida e que se aproxima com a ideia do trabalho, de manter as relações com a natureza. No entanto, a percepção dos entrevistados é de que essa atividade ainda pode ser ampliada e pode ser incentivada por meio de políticas públicas. Sendo a agricultura urbana uma forma de ressignificar a relação com a cidade, por meio dessa agricultura é possível ressignificar os usos dos espaços, bem como a relação com a própria cidade.

A agricultura urbana é parte desse movimento que se tem mostrado em evidência na vida urbana nas últimas décadas como mecanismo de ocupação de espaços urbanos e de reinvenção das cidades. Historicamente, uma agricultura urbana esteve presente em diversos países, sobretudo no século XIX, quando trabalhadores rurais buscavam amenizar suas dificuldades de sobrevivência diante das cidades industriais (Ferreira, 2019, p. 263).

Durante o período industrial, a agricultura urbana contribuiu para amenizar as dificuldades encontradas, sobretudo com alimentação e a escassez encontrada nesse período. Nessa perspectiva, a agricultura urbana encontrada em Chapecó, mesmo tendo diferentes tipologias e sendo predominantemente individual, dialoga com a busca pelo direito à cidade, sendo que busca ocupar os espaços urbanos ou então re-existir perante o processo de urbanização e reestruturação da cidade.

Portanto, a busca pelo direito à cidade é a busca pela sua existência, por resistir frente a tantas adversidades, se reinventar e refazer, buscando uma vida melhor ou então buscando se reconectar com a natureza ou uma alimentação saudável, além de ser uma atividade que possibilita a reinvenção dos espaços urbanos, por meio da ocupação de terrenos baldios, espaços subutilizados que são transformados por meio da agricultura urbana e passam a contribuir com a alimentação de muitas famílias, além de permitir o acesso a alimentos saudáveis e frescos, muitas vezes com preços mais acessíveis.

Em vista disso, a agricultura urbana por si só é uma forma de re-existir e contribuir para a construção de uma sociedade com menos desigualdade, pois o direito à cidade aqui proposto se refere ao direito à vida, a uma sociedade mais igualitária, em que os cidadãos tenham suas casas, seu trabalho, sua comida, mas também lazer, condições dignas de viver em uma cidade em que haja espaço para todas as pessoas.

A agricultura urbana não resolve todas as questões sobre desigualdade, fome e problemas sociais encontrados no espaço urbano, visto que nenhum ato isolado é capaz de mudar uma sociedade, no entanto, é necessário dar o primeiro passo para começar a mudança e a agricultura urbana desenvolvida em Chapecó pode ser desse modo, ou seja, na busca por uma sociedade mais igualitária, uma sociedade em que todas as pessoas tenham acesso à alimentação, principalmente alimentos frescos e com preços acessíveis, ou que possam cultivar seus próprios alimentos.

Para tanto, é necessário que ocorra uma abordagem integrada, com políticas públicas que valorizem e incentivem a expansão da agricultura urbana. Durante as entrevistas, nenhum dos entrevistados sabia especificamente sobre o Programa Nacional de Agricultura Urbana, além de não terem acesso às informações sobre as políticas públicas. Também é possível que essas políticas públicas não tenham chegado até essas pessoas.

De acordo com Arruda (2006, p. 37), as políticas públicas voltadas para a agricultura urbana são normalmente políticas sociais ou então ambientais, enquanto as políticas desenvolvidas para a agricultura rural são geralmente políticas econômicas e agrícolas.

Há movimentos de resistência que transformam espaços urbanos em locais para produção de alimentos. A partir dessa refuncionalização de espaços nas cidades proporcionado por intervenções localizadas principalmente nos vazios urbanos, individualmente ou em grupos organizados, realizam a busca por ressignificar suas relações com o meio, seja pela falta de capital para consumir a produção vinda de fora, seja pelo significado cultural que representam essas práticas no contexto de cada um (Rosa, 2011, p. 3).

A agricultura urbana promove a ressignificação dos espaços urbanos, pois ela implica nas relações estabelecidas com o espaço, mas também nas relações sociais e culturais. Produzir alimentos é um desafio até mesmo nos espaços rurais, visto que a agricultura capitalista promove a produção de commodities, portanto, produzir alimentos no espaço urbano, por si só, é uma forma de re-existência e de ressignificar esses espaços e a relação cidade/campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, buscou-se compreender, por meio dos processos históricos e geográficos, a história e a espacialização da agricultura urbana em Chapecó. Por isso, foi necessário resgatar os estudos sobre êxodo rural, bem como o processo de inversão populacional do campo para a cidade, além de olhar para a produção do espaço, sobretudo o espaço urbano. Nessa perspectiva, desde a sua fundação, Chapecó passou por um intenso processo de parcelamento da terra, o que contribuiu para a produção de um espaço urbano que se desenvolveu de modo fracionado. Além disso, a forma como foi parcelada a terra, em que predominam pequenas propriedades rurais, contribuiu para que a relação entre cidade e campo seja muito própria e característica dessa região de Santa Catarina.

O contexto de Chapecó se tornou fundamental para a construção dessa pesquisa, principalmente porque a região oeste de Santa Catarina tem uma estrutura fundiária muito característica e ligadas à agricultura familiar. Ademais a região conta com inúmeras cidades, o que aproxima ainda mais a relação cidade-campo nessa região. Chapecó se configura como uma cidade média com uma grande influência na região oeste, no contexto de expansão das agroindústrias em conjunto com a modernização agrícola e nessa conexão com a agricultura altamente capitalista. Porém, a estrutura da maioria das propriedades é da agricultura familiar, com pequenas e médias propriedades, diferenciando-se da realidade de outras regiões do país.

Chapecó torna-se uma cidade média e cada vez mais se complexifica em suas relações sociais e na produção do espaço e, à medida que a cidade cresce, ela se tem se tornado um polo atrativo para inúmeros imigrantes, entre eles pessoas de outras regiões do Brasil e até mesmo de outros países, como é o caso dos haitianos e venezuelanos que se estabeleceram na cidade. Isso permite que a relação com a agricultura urbana não seja somente derivada da migração campo-cidade e sim muito mais complexa e com várias nuances.

Nessa perspectiva, por meio dos trabalhos de campo, foi possível perceber que existem inúmeras áreas de agricultura urbana próximas a espaços centrais que são usadas como fonte de renda, como a horta no bairro Líder e no bairro Universitário onde há uma plantação de cana-de-açúcar. Em outros bairros de Chapecó, também é possível identificar na paisagem terrenos utilizados para plantações, observando que o espaço urbano chapecoense cresce para as mais diversas direções.

Durante a pesquisa, foram identificadas três tipologias de agricultura urbana em Chapecó, sendo a primeira anterior ao processo de crescimento urbano, e que hoje se encontra

e dialoga com o espaço urbano, caracterizando-se como agricultura urbana. A segunda é a agricultura urbana praticada em terrenos baldios, canteiros, em partes do terreno, entre outros lugares, que são predominantemente individuais e dispersas pelos diversos bairros da cidade. Outra forma de praticar agricultura urbana é por meio dos quintais produtivos, uma atividade numerosa em Chapecó e que representou um desafio para essa pesquisa devido ao tempo de desenvolvimento, à quantidade desses espaços e à dimensão para mapear todos eles. Por isso, foi necessário focar em terrenos maiores, mas eles consistem em pequenas plantações de hortaliças e árvores frutíferas, em princípio identificadas como áreas de consumo próprio. A terceira categoria corresponde às hortas coletivas/comunitárias, sendo que a pesquisa evidenciou principalmente a horta da ONG Verde Vida. No entanto, existem diversas escolas, postos de saúde e de assistência social que possuem hortas, contribuindo para o debate social da agricultura urbana.

A prática de agricultura urbana de forma coletiva ou comunitária, como é o caso da horta do bairro São Pedro, conta com uma estrutura de estufas e plantações de hortaliças, gerenciada pela ONG Verde Vida. Essas hortaliças são comercializadas com moradores do bairro. Entretanto, existem pessoas que são responsáveis pela horta e os jovens atuam como uma atividade complementar desenvolvida pela ONG.

Existem inúmeros terrenos que deixam a questão sobre uma possível ação para especulação imobiliária, entretanto muitos deles estão sendo utilizados para o desenvolvimento da agricultura urbana, o que se avalia como positivo, pois é um espaço sendo utilizado para a produção de alimentos e o desenvolvimento da agricultura urbana.

Ainda que tenha sido organizada em três categorias e diferenciada para uma melhor compreensão, a agricultura urbana encontrada em Chapecó, é necessário elucidar, tem processos históricos e geográficos próprios de cada tipologia e dialoga de formas diferentes com o espaço urbano, sendo imprescindível para o debate do direito à cidade.

Trazer o debate sobre o direito à cidade para essa pesquisa teve com o intuito de refletir sobre que tipo de sociedade estamos promovendo, pois, frente a tantas desigualdades promovidas pelo sistema capitalista de produção, é mais que necessário pensar e debater sobre a sociedade em que estamos inseridos. Portanto, o capítulo 4 é uma tentativa de entender como a agricultura urbana chapecoense pode contribuir frente às desigualdades e como ela tem se organizado diante desse sistema em que se insere.

A literatura utilizada para esta pesquisa descreve a agricultura urbana como uma organização que busca romper com as bases do capitalismo e tem um viés coletivo/comunitário. Porém, quando se analisa a agricultura urbana chapecoense, constata-se que ela é

predominantemente individual, o que leva a um confronto, pois: como uma agricultura urbana individual pode contribuir para o debate sobre o direito à cidade, conceito trazido por Lefebvre e que se refere a um direito coletivo? E essa é a grande questão que surge no decorrer do quarto capítulo.

Entender essa questão se tornou parte fundamental da pesquisa e, por isso, olhar para as falas dos entrevistados e para suas experiências de vida, e a sua dedicação para a agricultura urbana, foi fundamental nesse processo. O Brasil vive uma ascensão do agronegócio, em que se valoriza mais a produção de commodities, ou seja, promove-se a agricultura capitalista em grande escala. A partir do contexto da agricultura urbana em Chapecó, mesmo sendo principalmente individual, ela é o oposto dessa agricultura de commodities e de grande escala, pois ela se dedica à produção de alimentos, uma produção em pequena escala que visa circuitos curtos/próximos da economia.

A agricultura urbana abrange uma ampla gama de debates que vão desde a produção do espaço urbano até questões fundamentais como a fragmentação e a desigualdade socioespacial. Por outro lado, também abrange a discussão sobre alimentação saudável e a busca por soberania alimentar, problematizando a dependência de cadeias de abastecimento longas e muitas vezes inacessíveis, colocando em destaque a relação entre produtores e consumidores. Sob outro ponto de vista, levanta temas como a especulação imobiliária, que afeta o uso do solo nas cidades. Contudo, devido à complexidade e à abrangência do tema, foi necessário concentrar a análise em aspectos específicos, como os diferentes tipos de práticas de agricultura urbana e a relação cidade/campo, explorando como essas dimensões se entrelaçam no contexto urbano chapecoense.

Durante a realização da pesquisa, surgiram diversos desafios, entre os quais se pode citar a rotatividade das áreas, que ocorre principalmente por serem práticas em terrenos concedidos, alugados ou até mesmo emprestados, os quais foram mapeados em momentos anteriores, mas que posteriormente não se encontravam mais em uso de agricultura. Outro obstáculo foi a realização das entrevistas, uma vez que muitos dos agricultores urbanos são pessoas de idade avançada e que não conseguiam entender o sentido da proposta de serem entrevistados ou ainda pela dificuldade de localizar os responsáveis pelas hortas, pois durante os trabalhos de campo foram encontrados diversas áreas que, no entanto, não tiveram seus donos ou responsáveis identificados. Além disso, observou-se que alguns agricultores urbanos demonstraram receio em conversar, especialmente aqueles que criam animais, possivelmente devido a preocupações com a fiscalização ou com a exposição de suas atividades. Esse conjunto

de fatores dificultou o processo de realização das entrevistas, provocando certas limitações na pesquisa.

Ao longo desta pesquisa, não foi possível realizar um mapeamento completo de todas as áreas de agricultura urbana existentes em Chapecó, nem aprofundar todos os aspectos que envolvem a agricultura urbana, a relação cidade/campo ou mesmo o debate sobre o direito à cidade, visto que são áreas de estudo complexas, repletas de nuances que vão desde questões sociais e econômicas até práticas ambientais e culturais, deixando muitas lacunas a serem exploradas. Cada horta e cada tipo de agricultura urbana encontrada têm suas particularidades. Mesmo se assemelhando em alguns aspectos, elas se diferem em outros, possibilitando futuras investigações.

Apesar das limitações postas pela pesquisa, relacionadas ao tempo e à pesquisa de campo, encerro esta dissertação com um sentimento de satisfação pelo caminho percorrido e pelos resultados alcançados, mesmo sabendo que existe uma série de aspectos que não foram abordados ou pouco aprofundados. Essa pesquisa trouxe percepções importantes sobre as práticas locais de agricultura urbana, assim como a relação cidade/campo, contribuindo para um entendimento inicial acerca do tema em Chapecó. Ao mesmo tempo, ela também despertou o desejo de explorar outros debates sobre a agricultura urbana. Esse trabalho, portanto, representa a conclusão da pesquisa, mas também um ponto de partida para novas investigações que, certamente, poderão ampliar o debate sobre agricultura urbana em Chapecó e noutros lugares.

O debate sobre agricultura urbana, especialmente em Chapecó, é de extrema relevância, em virtude de, até o momento, não terem sido produzidas bibliografias que debatem esse tema nessa cidade.

REFERÊNCIAS

ALBA, Rosa Salete. **As agroindústrias e a produção do espaço urbano de Chapecó**. Cadernos do CEOM - Ano 15 nº 14 - Campus Chapecó - dezembro/2001.

ALBA, Rosa Salete; MAIA, Claudio Machado; SANTOS, João Pablo; OTSUSCHI, Cristina; VILLELA, Ana Laura Vianna. Dinâmica populacional no oeste catarinense: indicadores de crescimento populacional dos maiores municípios. In: BRANDT, Marlon; NASCIMENTO, Ederson (Org). **Oeste de Santa Catarina: território, ambiente e paisagem**. São Carlos: Pedro & João, 2015. 242 p.

ALBA, Rosa Salete; SANTOS, Verence Fátima S. dos. Chapecó no contexto da migração campo/cidade. **Cadernos do CEOM**, ano 16, n. 15, UNOCHAPECÓ, jun. 2002.

ARAÚJO, Carla Graziela Rodegueiro Barcelos; RIBEIRO, Cristine; KRUGER, Nino Rafael Medeiros. Entre o espaço rural e urbano: deslocamentos na garantia do direito à cidade. **Missões**, v.4, n. 4, ago./dez., 2018.

ARRUDA, Juliana. Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP: Análise do programa de hortas comunitárias como subsídio para políticas públicas. 2006, 165 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo; PERXACS, Helena; ALIÓ, Maria Àngels. Dimensão social da agricultura urbana e periurbana. **Mercator**, Fortaleza, v.19, ed. 19005, 2020.

BALSADI, Otavio Valestrim. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo em Perspectiva**, 2001.

BASTOS, M. N.; SOUZA, J. J. A formação socioespacial do estado de Santa Catarina, Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, p. 1-14, jul./2011.

BEGNINI, Sérgio; ALMEIDA, Lirane Elize Defante Ferreto de. Grau de desenvolvimento regional dos municípios da mesorregião oeste catarinense: caracterização e classificação. **INTERAÇÕES**, Campo Grande – MS, v. 17, n.4, p.547-560, out./dez.

BOSETTI, Cleber José. Agricultura urbana e segurança alimentar: uma análise econômica. *Revista Desenvolvimento Social*, v. 29, n.1, jan/jun, 2023

BOUKHARAEVA, Louiza Mansourovna; CHIANCA, Gustavo Kawark; MARLOIE, Marcel; MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. Agricultura urbana como um componente do desenvolvimento humano sustentável: Brasil, França e Rússia. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 413-425, maio/ago. 2005.

BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. Governo federal cria o programa nacional de agricultura urbana e periurbana. Set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/governo-federal-cria-o-programa-nacional-de-agricultura-urbana-e-periurbana>. Acesso em 21jan. 2024.

BRUNETTO, Shara. Diferenciação socioespacial e práticas espaciais da juventude da periferia de Chapecó/SC. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UFFS, 11., out. 2021. **Anais da JIC**, Chapecó: UFFS, 2021.

CANCELIER, Janete Webler; CHASQUI, Jéssica Wendy Beltran; ZANON, João Silvano; MENEZES, Leandro Jesus Maciel. A expansão urbana de Chapecó – SC e os papéis dos agentes sociais territoriais. **REGET/UFMS**, Santa Maria, v. 19, n. 2, mai-ago. 2015, p. 717-734.

CATALÃO, Igor. **Brasília, metropolização e espaço vivido**: práticas espaciais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole. São Paulo: Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2010.

CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica. Insurgência, espaço público e direito à cidade. **Revista da Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa em Geografia** (Anpege), v.13, n. 22, p. 119-135, set/dez. 2017.

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia urbana: interações espaciais interescolares e cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2013.

CORRÊA, Carina Júlia Pensa; TONELLO, Kelly Cristina; NNADI, Ernest; ROSA, Alexandra Guidelli. Semeando a cidade: histórico e atualidades da agricultura urbana. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v.23, 2020.

FERREIRA, Leonardo Antonio Silvano. O processo de urbanização no Brasil. In: PACHECO, Maria Eliza Corrêa; NETO, Altair Ferraz; FERREIRA, Leonardo Silvano (Org). **Sociologia rural e urbana**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2017. 200 p.

FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James Luiz. Adroindustrialização e urbanização de Chapecó-sc (1950 – 2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **REDES - Revista de Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 1, p. 187 – 215, jan./abr. 2014.

FARIAS, Wellinton Azzolini. **A produção do espaço periurbano**: um estudo sobre Chapecó (SC). 2024, 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2024.

FERREIRA, Giovana Callado. Pelo direito à cidade: políticas públicas e hortas urbana em Florianópolis. **História Unicamp**, Campinas, v. 6, n.12 jul/dez. 2019.

FERREIRA, Rubio José; CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. Agricultura urbana: discutindo algumas das engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, n. 2, mai./ago. 2007.

GÓES, Eda Maria; CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Sujeito, cotidiano e espaço vivido: aspectos metodológicos. In: GÓES, Eda Maria; CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; FURINI, Luciano Antonio; CATELAN, Márcio José Verissimo; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Appris, Curitiba, 2019.

GOIS, Rodrigo Clemente; ALVES, Flamarion Dutra; BRANQUINHO, Evânio dos Santos. Agricultura urbana e periurbana e os conflitos da especulação imobiliária em Alfenas -MG. **Geografia**, Rio Claro, v.43, n.1, especial - VI Encontro REA, p. 107-118, jan./abr. 2018.

HALDER, Severin Johannes Baptisti; MENDONÇA, Marcio Mattos de; MONTEIRO, Denis. Agricultura urbana: natural aqui do Rio de Janeiro. **AS-PTA**, Rio de Janeiro, 2008.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HÜBNER, Renata; SIMÕES, Willian. **Migração campo/cidade da juventude e os (des)caminhos para a sucessão na agricultura familiar da região geográfica imediata de Chapecó-SC**. Terr@ Plural, Ponta Grossa, v.18, p. 1-22, 2024.

IBGE. **Regiões de influência das cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020, 192 p.

KESCHNER, Bruna. **Heranças e evoluções da sociabilidade e do direito à cidade em Chapecó: um olhar a partir da periferia**. 2023, 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2023.

KIELING, Rejane Inês; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. O rural, o urbano e o continuum urbano-rural no contexto do desenvolvimento regional. **PERSPECTIVA**, Erechim, v.39, n. 148, p. 133-143, dezembro, 2015.

KONRAD, Joice; SILVA, Clécio Azevedo da. Agricultura familiar no oeste catarinense: da colônia à integração. In: XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2012, Uberlândia-MG. **Anais: Território em Disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro**. Uberlândia: UFU, 2012.

KOZENIESKI, Éverton de Moraes. Tempo e a produção do espaço: diálogos com Milton Santos e Henri Lefebvre sob o horizonte do rural na região de Erechim. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 37, p. 95-119, 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi: Nebli, 2016.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do atraso, campos modernos: discursos da extensão rural em Santa Catarina (1956-1975)**. 1997. 219 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. Agricultura urbana. Planaltina, DF, Embrapa Cerrados, jun. 2002. 25 p.

MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; CATALÃO, Igor. Direito à cidade e consumo: contradições e convergências. In: GÓES, Eda Maria; CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; FURINI, Luciano Antonio; CATELAN, Márcio José Verissimo; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019.

MATIELLO, Alexandre Maurício; VILLELA, Ana Laura Vianna; FUJITA, Camila; OTSUSCHI, Cristina; ALBA, Rosa Salete. Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; MAIA, Doralice Sátyro (Org). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Dourados e Chapecó. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 171-322.

MAIA, Doralice Sátyro; ZAAR, Miriam Hermi. Permanências e transformações das práticas rurais nos ‘espaços urbanos’ de João Pessoa e de Natal/Brasil. **Espaço e Geografia**, v. 24, n.1, 2021.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. UNESP, São Paulo, 2010, 568p.

MIORIN, Cristiane Dambrós; Vera Maria Favila. CONTRIBUIÇÕES À REFLEXÃO DO RURAL NO URBANO: AGRICULTURA URBANA. **Geonordeste**, ano. XXII, v. 2, p. 65-78, 2011.

MOUGEOT, Luc J. A. Agricultura urbana – conceito e definição. **Revista de Agricultura Urbana**, v.1, n.1 jul. 2000, p. 08-14.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006, 14p. (Texto para discussão; 281) Disponível em: < <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20281.pdf> > Acesso em: 14 set. 2021.

MOTTER, Crislaine; BATELLA, Wagner. Novas centralidades em Chapecó: apontamentos sobre as transformações recentes no espaço urbano. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.14, n.46, jun. 2013, p.60-70.

MOURA, Juliano Avelar; FERREIRA, Willian Rodrigues; LARA, Luciene de Barros Lorandi Silveira. Agricultura urbana e periurbana. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 27, p. 69-80, jan./abr. 2013.

NAGIB, Gustavo. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo**: o caso da Horta das Corujas. 2016, 438 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NAGIB, Gustavo. **O espaço da agricultura urbana como ativismo**: alternativas e contradições em Paris e São Paulo. 2020, 492 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

NASCIMENTO, Daniela Viegas da Costa; TEODÓSIO, Armino dos Santos de Souza. Entre existências e resistências da agricultura urbana: Partilha e direito à cidade. **Revista Horizontes interdisciplinares da Gestão**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 99-123, ago. 2022.

ONGHERO, André Luiz. Colonização e constituição do espaço rural no oeste de Santa Catarina. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, RN, julho de 2013.

PADUA, Rafael Faleiros de. O processo de urbanização do campo: apontamentos metodológicos a partir da realidade de Mato Grosso. **Revista Rural & Urbano**, v. 02, n. 02, p. 47-60, 2017.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; LESSA, Simone Narciso. O processo de planejamento e desenvolvimento do transporte rodoviário no Brasil. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 40, dez/2011, p. 26-46.

PETRUS, Fernanda; LAGO, Luciana Corrêa do; Luisa Ferrer. Agricultura urbana e o direito à cidade. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Q.; RIBEIRO, Marcelo Gomes. **Reforma urbana e o direito à cidade**. Letra Capital, Rio de Janeiro, 2019.

RAMOS, Sandra. Sistemas técnicos agrícolas e meio técnico-científico-informacional no Brasil. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. (Org). **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ROSA; Pedro Paulo Videiro; Políticas públicas em agricultura urbana e periurbana no Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, ed. Especial EGAL, 2011.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SCHITTINI, Gilberto de Menezes. Agricultura urbana e direito à cidade: anotações teóricas para uma agroecologia urbana. **Cadernos de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, n. 2, 2020.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOJA, Edward W. **Postmetrópolis: estudios críticos de las ciudades y las regiones**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

SOJA, Edward W. **En busca de la justicia espacial**. Valencia: Tirant Humanidades, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Abc do desenvolvimento urbano**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; CATALÃO, Igor. Da metodologia de pesquisa à análise do processo de fragmentação socioespacial em cidades brasileiras. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**, n. 27, Ano 14, p. 35-54, 2024.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Tradução Paulo Henriques Britto, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

YONEGURA, Valéria Borges; SILVA, Henrique Manoel da; Agricultura urbana: segurança alimentar e a construção de uma paisagem urbana includente na região sul de Curitiba, PR. **Cadernos de Ciências & Tecnologia**, Brasília, v. 39, n. 2, ed. 27016, 2022.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre o campo e a cidade, com evidência para práticas de agricultura urbana desenvolvidas pelos cidadãos e os usos dos espaços constituídos por eles.

Portanto, não iremos identificar você posteriormente na produção dos trabalhos, é necessário que você confirme que entendeu, concordou com a participação e autoriza a gravação.

INTRODUÇÃO

- 1 – Qual é seu nome e qual é sua idade?
2. – Qual é seu nível de escolaridade? Você fez algum curso, especialização ou técnico que contribuem para a sua atuação na horta/AU?
- 3 – Está vinculado a alguma associação, cooperativa ou sindicato?
- 4 - Descreva a sua rotina de trabalho em um dia normal?

BLOCO 1/ HISTÓRICO

- 5 – Você sempre morou em Chapecó? E na cidade?
- 6 – Há quanto tempo você mora nesse bairro?
- 7 – Como começou a sua relação com a agricultura? E com a agricultura urbana?
- 8 – Você gosta de trabalhar com agricultura?
- 9- Que atividade você exercia antes de trabalhar com agricultura urbana?
- 10 - Você atualmente exerce outra atividade além da horta?
- 11 – Quantos anos trabalha com agricultura? Quantos anos com agricultura na cidade?
- 12 – Quais motivos levaram a trabalhar com a horta?

BLOCO 2/ BUROCRACIAS

- 13 - A terra onde está a horta hoje pertence a você?
- 14 – Como foi no início da horta?
- 15 – Qual é o tamanho da área cultivada?
- 16 – Você recebeu alguma ajuda de custos para trabalhar com a horta?

- 17 – Você paga algum imposto pelo uso da terra?
- 18 – Quais são as principais despesas com a produção?
- 19 – Em caso de prejuízos por conta do clima, existe alguma forma de custeio?
- 20 – Você conhece algum programa de incentivo à agricultura urbana? (Você já ouviu falar sobre o Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana do Governo Federal?)
- 21 – Já teve algum problema com o poder municipal por conta da horta?
- 22 – Existe algum tipo de assistência técnica?

BLOCO 3/ PRODUÇÃO

- 23 – Quem trabalha com você na horta?
- 24 – Qual é a renda média obtida com a horta?
- 25 – Que produtos você cultiva? Listar.
- 26 – Esses produtos são para consumo próprio ou para a comercialização?
- 27 – (Em caso de comercialização), como funciona?
- 28 – (se a resposta anterior for sim), você vende em algum lugar específico ou de casa em casa?
- 29 – Como é feita a entrega dos produtos?
- 30 – Tem alguma participação do Governo na comercialização da produção?
- 31 – Como funciona o sistema de irrigação? Tempo de irrigação?
- 32 – Como é feita a adubação?
- 33 – Utiliza defensivo agrícola na produção?
- 34 – Como é feito o controle de pragas e doenças na plantação?

BLOCO 4/ FUNCIONAMENTO E PERSPECTIVAS

- 35 - Que transformação a horta tem sofrido desde que você trabalha aqui?
- 36 – Quais são os pontos positivos de trabalhar com agricultura urbana?
- 37 – Quais são os pontos negativos de trabalhar com agricultura urbana?
- 38 – Como você avalia a existência da horta dentro da cidade?
- 39 – Quais são os desafios para a produção de alimentos no espaço urbano?
- 40 – Como você descreveria seu futuro no desenvolvimento dessa atividade? (Como você se vê no futuro?)
- 41 – Você se sente um trabalhador do campo ou da cidade?
- 42- Como é a relação da produção com a vizinhança?

BLOCO 5/ RELAÇÕES COM A CIDADE

43- Você tem ou teve a pretensão de vender o terreno?

44- Já recebeu propostas de compra do terreno?

45- (Se já recebeu) Poderia comentar sobre os motivos que levaram a permanecer com o terreno?

46 – Descreva a sua relação com a cidade? Quais locais você costuma frequentar?

47 - Que produtos você costuma comprar no mercado?

48 – Frequenta espaços de lazer?

49 – Que atividades você costuma praticar na cidade?

50 – Você poderia comparar o começo com o momento atual da prática dessa atividade?

51 - Você tem consciência de que essa atividade é muito prática em Chapecó?